

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PRÁTICAS PSICOLÓGICAS CLÍNICAS
E DEMANDAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Itamar Sousa de Lima Junior

**HISTÓRIAS DE INFÂNCIAS NA RUA:
UMA NARRATIVA ENTRE VIOLAÇÃO DE DIREITOS E PROTEÇÃO DA VIDA**

RECIFE
2019

ITAMAR SOUSA DE LIMA JUNIOR

**HISTÓRIAS DE INFÂNCIAS NA RUA:
UMA NARRATIVA ENTRE VIOLAÇÃO DE DIREITOS E PROTEÇÃO DA VIDA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica na linha de pesquisa: Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Dalla Barba Walckoff.

RECIFE
2019

L732h Lima Júnior, Itamar Sousa
 Histórias de infâncias na rua : uma narrativa entre violações
 de direitos e proteção da vida / Itamar Sousa Lima Júnior,
 2019.
 84 f. : il.

 Orientador: Simone Dalla Barba Walckoff
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
 Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia.
 Mestrado em Psicologia Clínica, 2019.

 1. Psicanálise. 2. Crianças. 3. Assistência a menores.
 4. Adolescentes. 5. Fenomenologia existencial. I. Título.

CDU 159.964.2

Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Alves - CRB4/1002

Dedico...

Às crianças e adolescentes que estão sendo maculadas nas ruas, em especial Fábio Moura e Fábio Galdino (in memoriam) aos quais a falta de proteção não permitiu a vida.

Agradeço...

Aos meninos e meninas e suas famílias que participaram desta investigação, por suas confianças em mim e no propósito desta pesquisa.

À minha família, nas pessoas de meus pais Jane e Itamar, que foram as pessoas que me apresentaram ao mundo e que sem o apoio e disponibilidade minha trajetória não estaria sendo contada desta forma, e do meu irmão Bruno, com quem partilhei toda infância.

Ao João Filipe, meu filho, que é quem tem me inspirado a amar as pessoas e o mundo ao qual ele está sendo apresentado.

À Alana Anselmo, minha companheira, por seu amor e compromisso com a justiça e aprendizado mútuo em nosso núcleo particular de equipe psicossocial. Por seu carinho, afeto, disponibilidade e apoio irrestrito.

À Simone Walckoff, minha orientadora, que com sua sensibilidade e escuta sempre foi um porto para as angústias desse percurso, pela sua esperança de que este trabalho fosse realizado. Tua força é muito grande, Simone!

Ao meu grupo de pesquisa e extensão pela coautoria deste trabalho, a saber, Allan, Ítala, Silvia, Rafaela e Viviane.

Aos queridos Eduardo Bringuel, Emily Schuler, João Batista, Tarcísio Regis e Bruna Borges por suas amizades e por ajudarem nos detalhes da linguagem desta empreitada.

Ao grande Severino, educador de referência para mim, pois me ensinou e ensina o significado do compromisso com crianças e adolescentes.

Ao Grupo Ruas e Praças e sua equipe que abriu as suas portas para que a pesquisa fosse possível.

Ao mestre Tonho das Olindas e a educadora Roberta por suas disponibilidades antes e durante o processo.

À Associação Beneficente O Pequeno Nazareno o lugar que me fez iniciar o trabalho e a militância pela defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

Às examinadoras Cristina Amazonas e Irene Rizzini por aceitarem colaborar com esta pesquisa e pelas contribuições em minha jornada, seja em sala de aula, seja em trabalhos conjuntos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do meu curso.

RESUMO

Esta pesquisa visou compreender a experiência de situação de rua de crianças e adolescentes na cidade do Recife. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de base fenomenológica do tipo pesquisa intervenção. A investigação foi realizada em uma Organização da Sociedade Civil de referência no trabalho socioeducativo com crianças e adolescentes em situação de rua no município. Participaram deste processo nove crianças e adolescentes de ambos os sexos, sendo sete meninos e duas meninas, com idades entre 11 e 17 anos, todos há mais de um ano em situação de rua. Como instrumento de pesquisa adotei a observação participante, a entrevista reflexiva e diários de bordo. A partir das narrativas colhidas e registradas no diário de bordo e dos relatos dos encontros e da entrevista reflexiva surgiram grandes temas que se constituíram em no que aqui chamaremos de constelações, são elas: Extrema pobreza, Violência, Ilhas de proteção, Brincadeira na rua: o lúdico e o perigo, Em algum momento vai se chorar por isso, Minha vida é um inferno e Falsa liberdade. Tais constelações iluminadas pelas reflexões de Hannah Arendt possibilitaram, além de uma maior compreensão das experiências destes meninos e meninas, indicações de caminhos para novas formas de atuação com esse público. Assim, as condições humanas que constituem o fenômeno da situação de rua como a extrema pobreza e a violência figuraram com destaque para entendimento das violações de direitos desse grupo, mas também foi possível compreender a necessidade de proteção que é reivindicada por essas crianças e adolescentes e que nos compele a uma atividade política que se ocupe do amor ao mundo.

Palavras chaves: Crianças e adolescentes em situação de rua; Hannah Arendt; Vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This research aimed to understand the experience of the street situation of children and adolescents in the city of Recife. It is a qualitative research, with a phenomenological basis of the type research intervention. The research was carried out in a Civil Society Organization of reference in the socio-educational work with street children and adolescents in the municipality. Participating in this process were 9 children and adolescents of both sexes, being 7 boys and 2 girls, aged between 11 and 17 years, all with more than one year in a street situation. As a research instrument were adopted participant observation, reflective interview and logbooks. From the narratives collected from the logbooks and the reports of the meetings and the reflective interview, great themes emerged that were constituted in what we will call constellations: Extreme Poverty, Violence, Protection Isles, Play in the street: the ludic and danger, At some point will be cried for it, My life is a hell and False freedom. Such constellations illuminated by the reflections of Hannah Arendt enabled, in addition to a greater understanding of the experience of these boys' and girls' indications of ways to new ways of acting with this public. Thus, the human conditions that constitute the phenomenon of the street situation, such as extreme poverty and violence, have highlighted the violations of this group, but it was also possible to understand the need for protection that is claimed by these children and adolescents and compels to a political activity that deals with the love to the world.

Key words: Street situation of children and adolescents; Hannah Arendt; Social vulnerability.

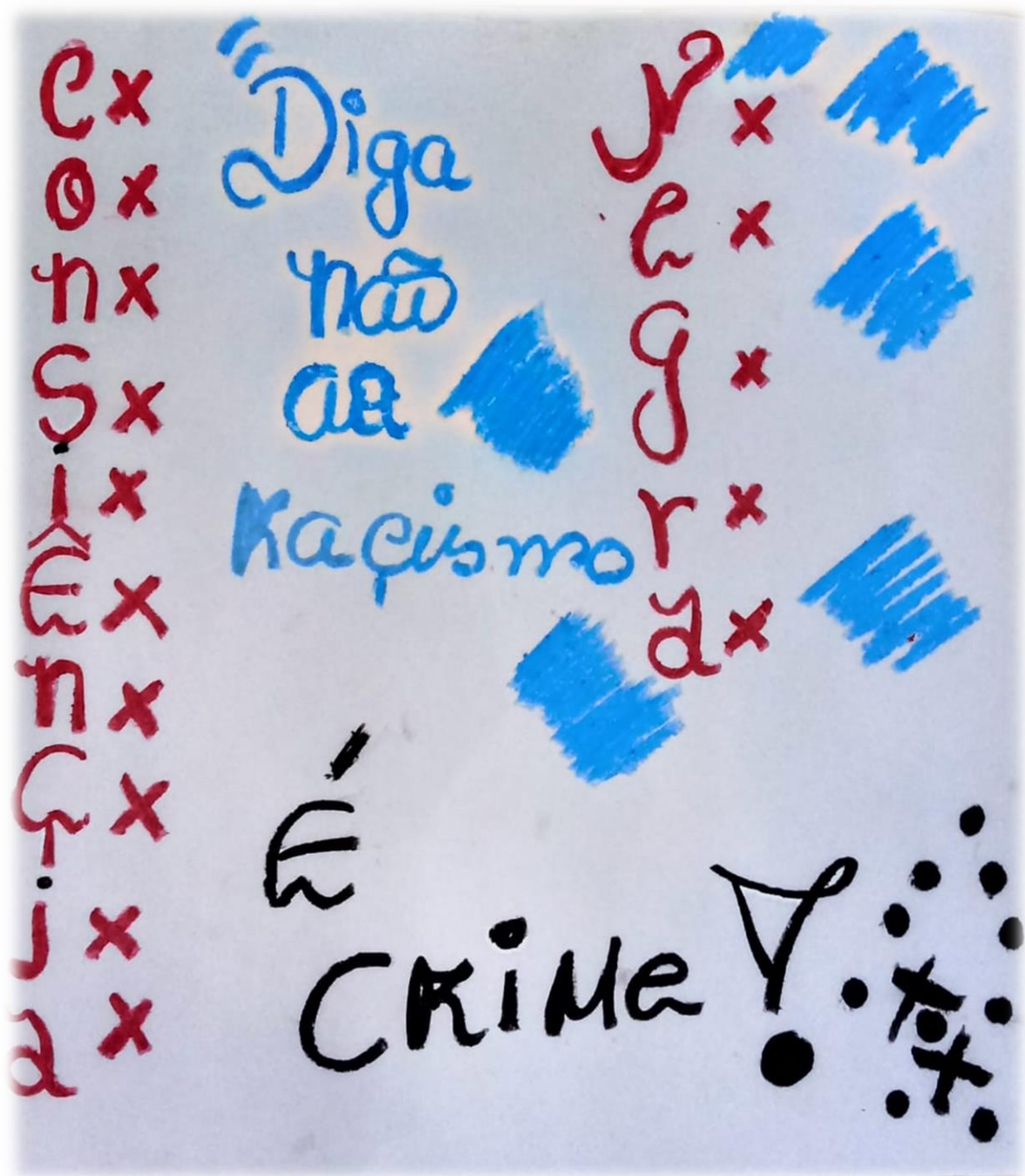
LISTA DE SIGLAS

ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
CNER	Campanha Nacional Criança Não É de Rua
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Crianças e do Adolescente
CIESPI	Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância
CREPOP	Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas
CRP/02	Conselho Regional de Psicologia de Pernambuco
ECA	Estatuto da Crianças e do Adolescente
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
FUNASE	Fundação de Atendimento Socioeducativo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbica Gays Bissexuais Travestis Transexuais
MNMMR	Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua
MNPR	Movimento Nacional da População de Rua
OSC	Organização da Sociedade Civil
SGD	Sistema de Garantia de Direitos
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

Apresentação	11
1 Introdução	12
2 Pesquisador: educador, militante e psicólogo	15
3 Crianças e adolescentes e o fenômeno da situação de rua	19
4 O caminho percorrido	28
4.1 <i>Vidas</i>	36
5 Os encontros, os diários e as entrevistas	39
6 As constelações e reflexões	48
6.1 <i>Extrema pobreza</i>	48
6.2 <i>Violência</i>	52
6.3 <i>Ilhas de proteção</i>	56
6.4 <i>A brincadeira na rua: o lúdico e o perigo</i>	60
6.5 <i>Em algum momento vai se chorar por isso</i>	64
6.6 <i>Minha vida é um inferno</i>	67
6.7 <i>Falsa liberdade</i>	73
7 Considerações finais	76
Referências	81

Cartaz feito pela adolescente Consciência Negra em 20 de novembro de 2018



Apresentação

Esta pesquisa buscou compreender a experiência de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Recife. A estruturação desta pesquisa acompanha o caminho realizado por mim ao longo da investigação. Inicialmente apresento meu percurso como educador social de rua, militante político da defesa dos direitos de crianças e adolescentes e psicólogo, e como isso resultou na aproximação com o tema deste estudo. Em seguida, abordarei o fenômeno de pessoas em situação de rua e mais especificamente as crianças e os adolescentes nesse contexto. Logo após, apresento o método da pesquisa e a narrativa dos encontros, diários e entrevistas utilizados durante o processo. Por fim, discorro sobre os grandes temas que emergiram da análise das narrativas e apresento as discussões iniciais revelando o diálogo destes temas com a autora que ilumina este estudo, Hannah Arendt.

1 Introdução

Esta pesquisa buscou compreender a experiência de crianças e adolescentes em situação de rua a partir das reflexões que surgiram no percurso realizado. A estruturação deste trabalho acompanha o caminho trilhado por mim até chegar ao que me impulsionou para esta investigação. Eu sou educador social de rua, militante político da defesa dos direitos de crianças e adolescentes e psicólogo. Os meus primeiros contatos com crianças e adolescente em situação de rua se deram em 2013 quando eu ainda era educador social. A partir desta prática profissional fui compelido a incidir politicamente pelos direitos destes meninos e meninas, o que me levou ao debruçar mais interessado sobre a temática e que depois desdobrou na ideia de investigar a experiência de crianças e adolescentes em situação de rua.

Foi pela minha aproximação com os meninos e meninas, com as instituições de atendimento e pela precariedade existencial destes meninos e meninas e suas famílias que decidi compreender melhor a vida destas pessoas, a fim de criar possibilidades e estratégias novas para o enfrentamento das desigualdades vivenciadas por eles e elas.

Pessoas em situação de rua são marcadas pela exclusão social, racismo, preconceito e estão privadas de direitos básicos como saúde, educação e moradia, por exemplo; é como se diz nos lugares de discussão sobre a temática em questão; eles lutam “pelo direito de ter direitos”. Este fato se agrava no caso de crianças e adolescentes em situação de rua por causa de seu estado peculiar de desenvolvimento e pela violência advinda da negação dos direitos da infância e adolescência como ter um ambiente acolhedor, livre de drogas, de exploração sexual e do trabalho, entre outros. No caso de crianças e adolescentes é preciso que lhes sejam preservadas a qualidade vital¹ que irá fazer com que se desenvolvam e cheguem à vida adulta sem prejuízos.

¹ Segundo Arendt (1997) a qualidade vital da criança consiste na proteção privada da intimidade familiar. Proteção esta que garante segurança para que a criança alcance a maturidade; sem que seja exposta ao espaço público do mundo, espaço onde os adultos, e só eles, decidem sobre os caminhos do mundo.

Com estas inquietações e movido pela esperança de criar oportunidades para a promoção da dignidade destes pequenos, me debrucei sobre uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica do tipo pesquisa intervenção a fim de compreender a tal experiência². A investigação aconteceu em uma Organização da Sociedade Civil (OSC) de referência no trabalho socioeducativo com crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Recife; que já atua há mais de 30 anos nas ruas na capital Pernambucana e região metropolitana. Participaram da pesquisa nove crianças e adolescentes de ambos os sexos, sendo sete meninos e duas meninas, com idades entre 11 e 17 anos. Estes estavam em situação de rua há mais de dois meses, alguns há mais de quatro anos.

A coleta dos dados se deu a partir da minha observação participante de encontros realizados na instituição; estes encontros eram conduzidos conjuntamente por mim e por educadores (as) de referência para os meninos e meninas (este modo de trabalho é uma prerrogativa tanto minha como da instituição), além de uma entrevista reflexiva conduzida por mim. Assim, surgiram as narrativas dos encontros dos diários de bordo contendo minhas impressões e afetações, o que gerou uma grande narrativa contendo todo o material a ser analisado. A partir da análise desse conjunto de narrativas surgiram grandes temas que chamei de constelações, pois ao nosso modo, o sentido dado ao material colhido se assemelha a um conjunto disforme que poderá ser aglomerado de acordo com a percepção de cada pesquisador e do sentido que lhe for indicado.

Destas e nestas constelações contamos com a perspectiva arendtiana que nos ajuda a entender a infância como uma instância a ser cuidada pelos adultos que são os responsáveis pela preservação do “mundo comum”, ao qual as crianças são “recém-chegadas” e precisam ser “apresentadas” pelos responsáveis de forma gradativa e sistemática para que sua “qualidade vital” seja sempre preservada (durante o texto a perspectiva arendtiana e os termos utilizados pela autora serão explicados). Assim, surgiram as constelações que chamei de Extrema pobreza, Violência, Ilhas de

² Segundo Benjamin (1994) a experiência é algo a ser transmitido. As narrativas são o exemplo de como a experiência tem a função de comunicar aos mais jovens algo vivido pelos mais velhos, para isto as experiências precisam ser comunicáveis. Para o autor a dificuldade de transmitirmos a experiência tem modificado a forma como nos relacionamos e criado uma pobreza de experiências.

proteção, Brincadeira na rua: o lúdico e o perigo, Em algum momento vai se chorar por isso, Minha vida é um inferno e Falsa liberdade.

As constelações revelaram que a condição de extrema pobreza destas famílias é um fator condicionante³ no sentido arendtiano para a situação de rua destas crianças e adolescentes, além de denunciar que a violência é algo constante no cotidiano das ruas, mas que existem lugares e pessoas que conseguem cumprir o papel de cuidado com estas crianças, a isto chamamos de Ilhas de proteção. Compreendemos que é preciso um compromisso para além da garantia de direitos para que seja apresentado o mundo às crianças e adolescentes, é preciso que haja o compromisso político para fazer com que o mundo dos homens consiga receber a novidade de quem está começando a viver. Ainda discorreremos preliminarmente sobre o universo infantil da brincadeira e dos riscos, sobre o impacto que tamanha desumanização causa na vida de todas as pessoas, seja de quem está na rua, seja de quem lida diretamente com este problema social e ainda pontuamos sobre a ideia errônea de liberdade que ainda é atribuída a estes meninos.

³ Segundo Arendt (1999) os seres humanos vivem sob algumas condições humanas; tudo aquilo com que entramos em contato nos condiciona e ao entrarmos em contato com algo também o condicionamos a nós (cabe diferenciar que não estou falando aqui do condicionamento advindo do behaviorismo baseado no aprendizado entre estímulos e comportamentos). Para Arendt (*op. cit.*) exercemos três atividades fundamentais: o labor, atividade correspondente ao processo biológico do corpo, necessidades vitais que nos conferem a vida propriamente dita. “A condição humana do labor é a própria vida”. O trabalho, correspondente aos artifícios da existência humana, os materiais, instrumentos, meios artificiais que diferenciam das coisas naturais do mundo. “A condição humana do trabalho é a mundanidade”. A ação é a terceira das atividades, esta é a única que se exerce diretamente entre os seres humanos, equivale à condição humana da pluralidade “ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo” (p.15). Estas atividades humanas e suas respectivas condições estão estritamente ligadas às condições gerais da nossa existência; o labor assegura além da sobrevivência de cada pessoa a preservação da espécie humana; o trabalho e seu produto garantem uma certa permanência e durabilidade à nossa vida na terra, na medida em que o que produzimos nos ajuda a melhorar a vida; e a ação ao criar e estabelecer corpos políticos permeados pela história.

2 Pesquisador: educador, militante e psicólogo

Para poder pesquisar sobre crianças e adolescentes em situação de rua e, mais acuradamente, tentando compreender a experiência de vida destas pessoas, necessito situar o leitor e a mim mesmo na trajetória irrigada de angústia e esperanças que constitui o meu compromisso com essa população.

Sou Educador Social desde 2013, quando comecei a trabalhar em uma instituição que se dedica há mais de 20 anos a crianças e adolescentes em situação de rua. À época eu era estudante de psicologia e fui convidado a integrar o quadro profissional dessa Organização da Sociedade Civil. Desde então comecei a ir para as ruas e aprender na prática o que é ser Educador Social⁴.

Na prática profissional entendi coisas básicas que me ajudaram a compreender melhor o meu trabalho como educador social. Foi como educador que pela primeira vez contei com um abraço de um menino em situação de rua, brinquei de bola e joguei dominó com eles, não sem o medo de julgar aquelas vidas de modo descontextualizado. Sendo eu um estrangeiro e um iniciante naquela prática, e não sem me abalar com a visão de seus corpos sujos e entorpecidos pela cola⁵, coisas que até hoje são inadmissíveis de serem vividas por uma criança, pensei na criação de possibilidades de atuação a partir do contexto de vida destas crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

A comparação com as lembranças da criança que eu fui mostrava-se inevitável. Porém, apesar de morar em uma comunidade pobre e estar em certa vulnerabilidade social, juntamente com alguns outros colegas, ou mesmo a minha família tendo poucos recursos financeiros – que em diversas vezes tornaram-se bem escassos – nunca imaginara, sob hipótese alguma, que meus pais pudessem deixar-

⁴ A Educação social ou Educação popular é uma prática profissional que tem por finalidade estabelecer vínculos de confiança entre o público atendido e o serviço ofertado com vistas a encaminhamentos mais efetivos. Se baseia no reconhecimento dos direitos de crianças e adolescentes, no respeito à diversidade, nos valores dos vínculos afetivos, conhecimento do território e da dinâmica do público, entre outros aspectos. Cf. **Resolução do CONANDA nº 183, de 9 de março 2017**: Aprova o documento “Orientações Técnicas para Educadores Sociais de Rua em Programas, Projetos e Serviços com Crianças e Adolescentes em Situação de Rua”.

⁵ A cola de sapateiro é um inalante muito utilizado pelo público da situação de rua; embora tenha uma função psicotrópica inibitória, a cola não está elencada dentre as drogas ilícitas. Dentre seus efeitos estão a depressão, perda de apetite, letargia. Segundo o Levantamento Nacional sobre o uso de Drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras (NOTO. *et. al.*, 2003) Recife se destaca dentre as capitais onde mais se inala a cola. Cf. também Ribeiro *et al.* (2003).

me ir para as ruas. A mim, nada além do fato de os meninos serem negros tinha alguma correspondência com a minha vida.

Nessa época meu filho estava com cinco anos e eu me via diante de um outro questionamento: como pode ser que pais deixem os filhos ficarem cheirando cola, pedindo esmolas e até dormindo nas ruas? Essas inquietações já não são as mesmas, mas o incômodo ainda carrego: se não igual como antes, de forma muito parecida. Porém, apesar das diversas inquietações, aprendi que no encontro com meninos e meninas é preciso estar disponível, sempre com responsabilidade e cuidado, criando possibilidades de encaminhamentos transformadores.

Ainda como Educador, eu, que já tinha um pé na militância política por Direitos Humanos, comecei a frequentar espaços de discussão e de formulação para políticas de crianças e adolescentes. Naturalmente o passo seguinte foi participar de debates nos Conselhos de Classe, Conselhos de Direitos e Conselhos Setoriais. Agregado a isso entrei na Sessão Pernambuco do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, na qual passei a discutir formas de organização para propor o cumprimento dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes. Isso me proporcionou a participação no Grupo de Trabalho sobre a atuação profissional do psicólogo com a população em situação de rua, iniciativa da comissão de Políticas Públicas do Conselho Regional de Psicologia da 2ª Região (CRP/02).

Em 2016, já como psicólogo, comecei a participar do Plantão Psicológico para atendimento às pessoas em situação de rua, serviço ofertado por um projeto de pesquisa e extensão da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) sob a coordenação de Simone Walckoff, que se tornou minha orientadora no mestrado.

O serviço do Plantão com pessoas adultas em situação de rua era realizado semanalmente no centro do Recife, onde nos dirigíamos às pessoas para fazermos a escuta e intervenção psicológica, sempre em duplas ou em grupo. A modalidade do plantão psicológico nos convoca para um estado de prontidão, de inclinação para a demanda da pessoa atendida. No caso da rua a prontidão tem um duplo sentido; o sentido da escuta atenta à demanda e o do cuidado com a nossa integridade física. Na rua era necessário que estivéssemos próximos para que pudéssemos ser retaguarda uns dos outros e assim facilitar a escuta que muitas vezes acontecia com pessoas que estavam sob ameaça de vida onde poderia haver, a qualquer momento, o

perigo do acerto de contas e em outros casos havia o fluxo do tráfico de drogas e da repressão policial. A experiência com o plantão ampliou meu olhar sobre a situação de rua, permitindo-me perceber, mais detalhadamente, as semelhanças e diferenças entre as experiências e demandas do público infantil e adolescente e de adultos que os recortes possuem.

Em 2017, no encontro nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), apresentei um trabalho sobre meninas em situação de rua. Naquela ocasião também participei do lançamento da cartilha sobre igualdade racial do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). Na discussão sobre a cartilha coloquei que estava pesquisando situação de rua e não fazia o recorte de raça porque este estava implícito. Naquele momento fui arguido por umas das pessoas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que apresentava a cartilha. A questão dela para mim era como eu falaria de vulnerabilidade social e de situação de rua sem deixar evidente a desigualdade racial. Isso foi se tornando cada vez mais inquietante para mim e culminou num dos temas que atravessa este estudo.

Como psicólogo continuei trabalhando com crianças e adolescentes em situação de rua. Observei que em alguns aspectos esse trabalho se aproximava da prática do educador social, pois ambos requerem escuta atenta e respeito às singularidades. No entanto, a prática psicológica ajuda a aprofundar as questões que permeiam as relações concretas e simbólicas que contornam a vida destas crianças e adolescentes. E, como as produções científicas e as práticas profissionais que tocam na experiência deste público são invisibilizadas, senti-me na obrigação de compreender melhor as experiências de vida desses pequenos e ampliar a práxis da psicologia na área marginalizada da vulnerabilidade social.

A partir da experiência concreta da atuação profissional consegui uma vinculação com as meninas e meninos nas ruas; e desta feita corroboro com Neiva-Silva et, al. (2010) que entende como imprescindível a construção de vínculos com as crianças e adolescentes em situação de rua participantes da pesquisa. Segundo o autor, isto chega a ser um “imperativo ético” para os desdobramentos de uma investigação. Para além desse dado, a minha experiência de campo ratifica esse componente metodológico, uma vez que é por meio da relação de confiança que estabelecemos com as crianças e os adolescentes que conseguimos caminhar juntamente com

esses e é aprofundando a compreensão a respeito das histórias de vida desses pequenos que tenho refletido com eles possibilidades de saída das ruas.

Diante do contato que tive com os meninos e meninas, a rua pareceu em alguns momentos ser um lugar mais viável do que a própria casa, embora longe de ser adequado para uma criança. E como são muitas as dimensões da experiência da vivência nas ruas, apresento neste estudo uma compreensão iluminada pelas reflexões arendtianas sobre o lugar de crianças no mundo a partir das histórias contadas por elas próprias, levando-se em conta que o motivo de um problema nunca pode ser tomado isoladamente, longe de um contexto ou de um sentido (Arendt, 1997). Este contexto não é meu, mas através do relato da investigação consegui me aproximar desta realidade como pesquisador.

3 Crianças e adolescentes e o fenômeno da situação de rua

Para tematizar crianças e adolescentes em situação de rua discorrerei brevemente sobre fatores gerais, estruturantes do fenômeno das pessoas em situação de rua, sem a pretensão de abarcar toda a complexidade que contribui para a existência deste público marcado pela extrema pobreza, vulnerabilidade social e variadas violências como a sexual e a exploração do trabalho infantil. Assim, lanço mão de pontos da história brasileira para compreender a experiência que é a vida nas ruas.

As pessoas em situação de rua não necessitam de uma sobrevivência qualquer que pretenda lhes garantir, fisiologicamente, condições de vida. Essas necessidades são supridas, ainda que de forma deficitária, nas ruas. Estas pessoas precisam principalmente, de dignidade humana, ou seja, que lhes sejam garantidos seus direitos.

Recordo-me de que em um dos plantões com a população adulta eu tentava, com uma mulher de seus 40 anos e que estava na rua já há algum tempo, refletir sobre as condições de vida que ela tinha me apresentado. As suas histórias eram muito difíceis, mas em certa medida ela já identificava claramente quais eram as maiores dificuldades em sua vida, além dos caminhos mais plausíveis para vivenciar uma mudança na sua situação, embora ela mesma soubesse que as portas não são tão fáceis de se entrar. Então, foi que ao pedir a ela que parasse um pouco e respirasse para pensar sobre tudo o que me disse, fui interrompido por um questionamento: “respirar como, na rua?”. Definitivamente, os lugares de onde partimos eram muito diferentes. Não estou falando aqui de empatia ou de uma distância abissal que separa as experiências de vida, mas sim da concreta relação com a crueza da rua, que expõe as pessoas a situações de injustiça social.

Um outro exemplo, que posso citar da importância de garantias humanas dignas, fala de coisas básicas como a vinda dos meninos e meninas para a instituição onde se realizou esta pesquisa. Ali, longe do perigo das ruas, já alimentados e de banho tomado, elas e eles conseguem dormir sem ter que se preocupar com violência alguma. Esse sono tranquilo não é só uma necessidade do corpo, mas é também um direito à vida.

Esta população, por mais (in)diferente que possa parecer aos olhos das pessoas que não a reconheça como pessoas humanas e/ou para aquelas que a culpe por sua condição, tem em sua vivência na rua um brado de sua humanidade que não se deixa ser regulado pelo senso comum e nem pelo saber acadêmico. Este brado, ainda que perpassado pela dimensão da fome, da mendicância, do uso das substâncias psicoativas, das urgências e da humilhação que estas pessoas sofrem todos os dias na pele e na alma ao longo de suas histórias, reverbera na resistência de se fazer presente no mundo comum⁶.

Um determinante histórico para a população em situação de rua no território nacional advém das relações raciais díspares. A população negra que foi trazida e escravizada por quatro séculos tem sua história marcada pela segregação e violação dos direitos humanos. O Brasil foi o último país a abolir a escravização⁷ nas Américas e teve mais de 6 milhões de pessoas escravizadas (Reis & Gomes, 1996). Neste cenário a população negra era vista como uma moeda de troca e servia apenas para enriquecer os senhores proprietários. Ou seja, as pessoas só valiam se pudessem ser exploradas em sua força de trabalho, jamais tratadas como iguais; sempre impossibilitadas de participar da esfera pública⁸ onde se pode decidir democraticamente.

A Lei áurea de 13 de maio de 1888, feita sob pressão dos abolicionistas brasileiros que mobilizaram a população em torno desta causa e de brasileiros que articulavam a burguesia estrangeira em círculos aristocratas (ALONSO, 2012), torna

⁶ Mundo comum é um termo utilizado por Arendt para designar o lugar das relações humanas, algo que não é possível abandonar ou transcender completamente, pois este mundo já estava aqui estabelecido quando chegamos para habitá-lo e permanecerá após nossa partida. A vida humana é inevitavelmente testemunhada por outras pessoas. O que permanece é o caráter público do mundo, que é negociado politicamente entre as pessoas e que precisa ser preservado para as gerações vindouras (ARENDR, 1999).

⁷ Segundo material publicado recentemente pelo Conselho Federal de Psicologia (2017) é sugerido que se utilizem os termos escravismo, escravização e escravizada(o) em contraposição à noção de escravidão e escravo, pois escravização sugere um processo contínuo de dominação e opressão, ou seja, algo não natural.

⁸ A esfera pública é o local por excelência da aparição, se dá na companhia das outras pessoas. Tudo que assume uma aparência pública - que sai da privacidade da vida particular, é visto pelos outros e por nós mesmos - constitui a realidade da publicidade e, portanto, é comum a todos. "A presença de outros que vêem [sic] o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos; e, embora a intimidade de uma vida privada plenamente desenvolvida, tal como jamais se conheceu antes do surgimento da era moderna e do concomitante declínio da esfera pública, sempre intensifica e enriquece grandemente toda a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados, esta intensificação sempre ocorre às custas da garantia da realidade do mundo e dos homens" (ARENDR, 1999, p.60). No entanto, existem muitas coisas que não suportam a luz intensa da esfera pública, pois nem tudo tem necessidade de aparecer, só as coisas de interesse comum devem ser expostas à luz da esfera pública.

a população negra oficialmente liberta no Brasil. Este fato já inicia a questão da situação de rua, pois a maioria das pessoas que saíram das senzalas não tinham para onde ir; foram libertas, mas não tinham liberdade, estavam mais pobres ainda. Então o próprio Estado cria e estabelece o rito do preconceito, ao decretar a lei da vadiagem⁹; esta que garantia a higienização das ruas, pois quem não estivesse trabalhando ou em casa era apreendido. Assim, o Estado, além de não garantir o mínimo necessário, passou a criminalizar a pobreza e a negritude (SILVA, 2015).

O fenômeno das pessoas em situação de rua no Brasil segue uma lógica universal centrada na desigualdade social; países considerados de primeiro mundo também lidam com esse fenômeno social em seus territórios (BRASIL, 2013). A especificidade da população em situação de rua brasileira passou por alguns processos até chegar à configuração atual. Partindo da desigualdade social, uma sequência cronológica de fatos sociais vai delineando as diferenças em nosso país; assim, a escravidão das pessoas negras em primeiro momento, depois as condições de “liberdade” que as jogou nas ruas, a criminalização desta mesma “liberdade” pelo próprio Estado, são o bojo deste fenômeno. Posteriormente, a urbanização massiva das nossas cidades em meados do século XX (BURSZTYN, 2003), ajudou a criar um cenário onde preconceito racial, falta de emprego e a fragilidade de vínculos comunitários facilmente pode levar uma pessoa à situação de rua. Cabe ressaltar que estas famílias advindas do êxodo rural já encontraram as capitais e suas periferias deficientes de serviços básicos (FREIRE, 1989). Parece-me que as pessoas extremamente pobres precisam mesmo resistir para sobreviver, sejam as que consigam ficar em casa sem ter o que comer ou sejam as que se jogam nas ruas a fim de conseguir algo que lhes garanta a vida. Este é um cenário muito frequente nas grandes cidades.

Marcada pela extrema pobreza, fator predominante deste segmento populacional, pela discriminação racial e preconceito, a população em situação de rua se valeu das benesses do assistencialismo que pouco, ou nada, contribuíram para a transformação da vida dessas pessoas. Com leis que mais prejudicavam do que garantiam

⁹ A chamada lei da vadiagem foi instituída pelo **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Código penal dos Estados Unidos do Brasil. 1890.** Que institui o código penal brasileiro de 1890, tal lei ganha esse nome, pois criminaliza as pessoas que não estão exercendo qualquer trabalho e que mendigavam pelas ruas, além de criminalizar a prática da capoeira. Essas tipificações incorriam diretamente sobre as pessoas negras que haviam recentemente sido libertas da escravidão.

dignidade, como o já referido decreto nº 847/1890. Mas também como nas leis anteriores à lei 8080/90 que cria o SUS, onde o acesso a saúde era considerado um seguro vinculado ao mundo do trabalho, restando apenas os hospitais filantrópicos e psiquiátricos para quem não tinha condições de pagar pela assistência médica (SANTANA & ROSA, 2016). Outra medida estatal que foi revogada apenas em 1990, com a lei 8069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), foi a lei 6697/79 (Código de Menores) onde era previsto o recolhimento compulsório de crianças e adolescentes em situação de rua, à época chamados de menores de rua, para a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM).

No sentido de um Estado que garanta legalmente a sobrevivência de todos os seus cidadãos, o contexto que faz emergir a população em situação de rua, os desafios inerentes ao enfrentamento e a promoção da dignidade, passa pelas políticas públicas em primeiro lugar. Foi assim, que após inúmeros encontros e desencontros, muita luta política do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e outros movimentos organizados da sociedade civil, que esta população conseguiu a seu favor a Política Nacional para a Inclusão da População em Situação de Rua. Em 2009, pela pressão da carta aberta do MNPR à Presidência da República¹⁰ é criado um Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para discutir de forma mais eficiente o fenômeno da rua. Como resultado do GTI esta política foi instituída pelo Decreto Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2009). Para fins de instrumentalização o decreto citado acima considera população em situação de rua como:

Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar.

De acordo com esta política, cabe aos entes federados a implementação das ações preconizadas articuladas de forma intersetorial. Assim, assistência social, saúde, educação, moradia, entre outros devem se debruçar sobre tal problemática.

Dentro do contexto de riscos que as pessoas enfrentam é preciso demarcar as várias condições que acirram a situação dessas pessoas. Chamarei a estes

¹⁰ Esta carta aberta surgiu após deliberação do encontro nacional da população em situação de rua em Brasília e pedia ao presidente Luiz Inácio Lula que instituísse por decreto a Política Nacional de Inclusão da População em Situação de Rua.

aglomerados de condições de acúmulo de vulnerabilidades. Neste contexto, a população em situação de rua apresenta níveis de segregação diferenciados. Por exemplo, se uma pessoa está em situação de extrema pobreza ela pode chegar à situação de rua, mas se ela acumular outras condições como o fato de ser negra, LGBT, mulher, ser criança ou adolescente, ser pessoa idosa, a invisibilidade será ainda mais brutal. Há ainda a possibilidade de uma pessoa acumular mais de uma destas condições. Neste caso, ela poderá ser segregada até mesmo dos grupos formados na rua pelos próprios pares.

Experienciar o mundo e ser, por exemplo, negro, transexual, extremamente pobre corrobora a grande condição de exclusão social. Ou seja, as várias vulnerabilidades, que são distintas entre si, quando acumuladas na vida de uma pessoa as fere em sua dignidade pelas várias experiências de preconceito e de violência que cada grupo destes sofre, mas nesse caso de forma conjunta. Uma pessoa extremamente pobre pode enfrentar dificuldade de passar na porta giratória de um banco apenas por que suas roupas não são “adequadas” para aquele ambiente; uma mulher transexual pode ser tratada pelo gênero masculino pelo atendente do mesmo banco; uma pessoa negra pode ser confundida com um assaltante, pois sua pele é preditiva do estereótipo do bandido. A questão aqui é: e se essas três pessoas forem uma única pessoa? Dessa forma, as pessoas que acumulam vulnerabilidades possivelmente estariam mais próximas da situação de rua, pois devido às diversas experiências de exclusão acabariam encontrando muitas dificuldades para uma vida digna em comunidade.

No caso específico de crianças e adolescentes se agrava o fato de elas e eles ainda precisarem da proteção de adultos, de uma comunidade, de uma família e de que o Estado possa garantir que violências não aconteçam, pois a falta de cuidado pode diminuir as chances destas pessoas chegarem à vida adulta sem prejuízos. Na rua crianças e adolescentes são vulneráveis, acabam privados de seus mais básicos direitos, estão mais suscetíveis ao uso das substâncias psicoativas, às várias formas de violência, a problemas de saúde e problemas com a justiça (NOTO, 2003; RIZZINI & COUTO, 2018).

Crianças e adolescentes em situação de rua são caracterizados desde as faltas materiais, como moradia e alimentação, e também por aspectos relacionais,

como precariedade na educação e fragilidade de vínculos afetivos. Segundo estabelece a resolução conjunta CNAS/CONANDA nº 1, de 15 de dezembro de 2016, Art. 1º (BRASIL, 2016):

Art. 1º. Definir como crianças e adolescentes em situação de rua os sujeitos em desenvolvimento com direitos violados, que utilizam logradouros públicos, áreas degradadas como espaço de moradia ou sobrevivência, de forma permanente e/ou intermitente, em situação de vulnerabilidade e/ou risco pessoal e social pelo rompimento ou fragilidade do cuidado e dos vínculos familiares e comunitários, prioritariamente situação de pobreza e/ou pobreza extrema, dificuldade de acesso e/ou permanência nas políticas públicas, sendo caracterizados por sua heterogeneidade, como gênero, orientação sexual, identidade de gênero, diversidade étnico-racial, religiosa, geracional, territorial, de nacionalidade, de posição política, deficiência, entre outros.

Por causa da extensão de vulnerabilidades que pode levar uma criança e/ou adolescente à situação de rua, o próprio termo situação de rua é problematizado: “Utiliza-se o termo ‘situação’ para enfatizar a possível transitoriedade e efemeridade dos perfis desta população, podendo mudar por completo o perfil, repentinamente ou gradativamente, em razão de um fato novo” (Brasil, 2016 *apud* Brasil, 2017).

Ainda segundo a resolução (Brasil, 2016), a situação de rua pode estar associada a um conjunto de violências sofridas por essas crianças. Entre estas violações estão algumas como o trabalho infantil, a violência sexual, a violência intrafamiliar, a violência institucional e urbana, o sexismo e a misoginia. E ainda podemos destacar a exploração advinda do trabalho infantil que, quando associada a violência sexual, se caracteriza como uma das piores formas de exploração: a sexual.

Segundo uma pesquisa recente em Recife (SILVA, 2015), existem algumas formas dessas crianças e adolescentes estarem nas ruas: são jovens que perambulam pela cidade de forma itinerante, sendo que uns são mais intermitentes entre a rua e espaços protegidos e outros ficam ou permanecem por longos períodos, podendo ser encontrados com certa frequência no mesmo lugar e horário, já outros são mais errantes. Outra forma está de certa maneira ligada ao trabalho: são aqueles meninos e meninas que passam o dia nos semáforos da cidade vendendo, pedindo e/ou acompanhando algum familiar, podendo ser encontrados sem qualquer responsável por perto.

Embora minha investigação se dê na cidade do Recife, assim como a que foi referida acima, estas características citadas parecem refletir o cenário nacional.

Segundo estudo feito por Rizzini e Couto (*op. cit.*), onde foi levantada a produção acadêmica brasileira sobre a temática de crianças e adolescentes em situação de rua entre os anos 2000 e 2015, este público vive numa constante transitoriedade entre seus lares e a rua, mas também tendo uma relação de vínculo com as instituições que lidam com eles; estão sob constante perigo de vida e expostos a diversas violações de direitos, tais como o abuso¹¹ das drogas, exploração do trabalho infantil, exploração sexual; e também a falta de acesso a serviços básicos como escola, saúde, proteção social.

O fenômeno de crianças e adolescentes em situação de rua é um problema antigo em nosso país. Há registros deste descaso desde o século XIX (RIZZINI, 2003). O Brasil se propôs em 2011, a partir do Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes, reduzir em 85% o número de crianças e adolescentes em situação de rua até 2020. Ora, isso seria possível se houvesse uma pesquisa censitária que pudesse oferecer esse número, essa pesquisa ajudaria a traçar o perfil destes sujeitos, mas o Brasil não tem até hoje nenhuma pesquisa que contabiliza essa população (BRASIL, 2017). Embora nos deixou mais confiantes notícias como a que recebemos recentemente de que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) iria incluir a população em situação de rua no Censo de 2020¹².

A reflexão que se faz imperativa é que independente do contexto em que vivem crianças e adolescentes, elas e eles devem ser vistos com prioridade por parte do Estado, da família e da sociedade. As crianças e os adolescentes, mesmo quando parte da população em situação de rua, teriam no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) seus direitos assegurados para evitar que se chegasse ao extremo das ruas; sobretudo no que se refere à proteção integral para a garantia de condições dignas de crescimento, desenvolvimento, amparo e fortalecimento de sua formação como pessoa (BRASIL, 1995). Mas, mesmo dispondo de dispositivos legais e

¹¹ Eu prefiro o termo abuso de drogas quando se refere a crianças e adolescentes em vez do termo uso de drogas, frequentemente utilizado nas publicações, pois pela condição de desenvolvimento em que se encontram e pela própria legislação que proíbe a utilização e o fornecimento de drogas ao público menor de 18 anos de idade, esta ação em si é uma violação dos direitos de crianças e adolescentes, prejudicial à saúde e também um crime.

¹² Em julho de 2018 por ocasião da reunião da cúpula latino-americana dos direitos de crianças e adolescentes em situação de rua, onde estavam representantes da Campanha Nacional Criança não é de Rua e de diversos movimentos sociais, entre eles o MNMMR, foi decidido que na ação de 23 de julho, dia nacional de enfrentamento à situação de rua de crianças e adolescentes, faríamos protestos cobrando do IBGE a inclusão da população em situação de rua no Censo de 2020. À época o IBGE havia declarado que mais uma vez não iria incluir a população em situação de rua por falta de metodologia específica.

normativos, a parcela da população em situação de rua tem se mantido elevada (SILVA, 2015); e está sob violações sistemáticas de seus direitos humanos (RIZZINI; VALE; COUTO, 2018). Com as crianças e os adolescentes as políticas seguem o mesmo fluxo letárgico de implementação como com qualquer outra. Portanto, as crianças e os adolescentes em situação de rua precisam contar com a iniciativa de alguns grupos organizados.

Parece inacreditável ter que lembrar o óbvio, mas como nos ressalta Arendt (1997) a criança, ao contrário do adulto, não pode dar conta de si sozinha no mundo. Ela necessita da presença de adultos responsáveis por garantir sua sobrevivência e também apresentá-la cuidadosamente ao mundo, para que no futuro esteja apta a participar da vida pública. Assim - fazendo paralelo com a autora - esta criança que está na rua, quando: “[...] exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança privadas, a sua qualidade vital é destruída” (ARENDT, 1997, p. 239). E o que vemos nos corpos e semblantes destas crianças, são seres humanos violentados pela necessidade do cuidado com a sobrevivência e a lida com um mundo ao qual não foram apresentadas gradativamente, mas soltas nele com todos os riscos que ele pode oferecer.

Cabe ressaltar que Hannah Arendt não escreveu sobre os aspectos psicológicos da infância e nem se debruçou sobre a perspectiva da situação de rua, mas ela fala a partir da experiência de refugiada. Por ser judia teve que se refugiar na França e depois nos Estados Unidos como conta sua biógrafa Laure Adler (2007). Arendt viveu no contexto do nazismo e precisou passar por situações limite para poder sobreviver; desde falta de alimento, como também prisão, ameaça de morte e dificuldades de moradia.

A perspectiva arendtiana da infância visa à preservação do desenvolvimento num lugar seguro e pensado para preparar a criança para adentrar a vida adulta (ARENDT, 1997, 1999), penso que esta concepção está ligada ao contexto cruel de guerra que viveu, de incerteza sobre o futuro das crianças, sobre decisões políticas que mataram milhares de pessoas inocentes. No entanto, hoje no Brasil e em boa parte do mundo vemos nossas crianças e adolescentes como participantes ativos nas decisões políticas, algo talvez impensável para a autora, que estava mais interessada em preservar a vida do que qualquer outra coisa. Creio que por ser entusiasta da

democracia, pensadora que preza pelo caráter democrático da política, sua visão pode contribuir para aprimorarmos a garantia de direitos, pois preserva o componente fundamental do cuidado com a infância, assim como foi vivido e escrito por ela tanto na guerra como no pós-guerra.

Diante do exposto, me salta o tema desta pesquisa sobre essas crianças que foram soltas nas ruas e assim vivenciam agravos em suas existências cotidianamente, uma vez que abandonadas à própria sorte a relação com este “mundo comum” se altera. Esta soltura é o que inquieta e mobiliza para uma tentativa de compreender. Para tanto, foi preciso estar mais junto destes meninos e meninas para viabilizar possibilidades criativas de saída das ruas e de melhor compreensão da cotidianidade (compreensão da realidade em que cada pessoa se encontra) como ressalta Freire (1989). Segundo levantamento feito por Rizzini e Couto (2018), de 2000 a 2015 foram encontradas 55 pesquisas, entre teses e dissertações, sobre crianças e adolescentes em situação de rua. A maior parte destas foram realizadas no sudeste do país, sendo 16 produzidas em pós-graduações de psicologia. Contribuir com estes números e aumentar as produções sobre as experiências de crianças e adolescentes em situação de rua também me serviu como um estímulo.

4 O caminho percorrido

A instituição onde a investigação foi realizada, que aqui chamaremos de VIDAS, é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) de referência no trabalho socioeducativo com crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Recife. Participaram nove crianças e adolescentes, sendo sete meninos e duas meninas, com idades entre 11 e 17 anos. Estes estavam em situação de rua há mais de dois meses, alguns há mais de quatro anos.

Os encontros aconteceram às terças-feiras pela manhã, entre os meses de outubro e de dezembro de 2018. As crianças e adolescentes participantes da pesquisa chegavam na instituição no início da manhã, lá eram acolhidos, tomavam banho e café da manhã e participavam de uma oficina de arteterapia, logo em seguida eles participavam da reunião pedagógica que tinha o formato de oficinas lúdico-pedagógicas.

Antes de iniciar as atividades nas ruas, foi enviada uma carta de aceite à Organização da Sociedade Civil para acompanhamento das atividades rotineiras. Como procedimento para coleta de dados, primeiramente foram contatadas as crianças e os adolescentes que frequentavam a instituição de forma assídua; foi explicado aos participantes como se daria a intervenção. Como condição de participação na pesquisa só foram incluídos meninos e meninas que aceitaram participar da pesquisa e cujos responsáveis consentiram a investigação. Assim, foi solicitado às famílias dos participantes que assinassem o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” e aos participantes que assinassem o “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido”. Ambos os termos foram lidos e explicados em linguagem acessível para cada participante.

A nossa interrogação sobre as experiências de meninos e meninas em situação de rua na cidade de Recife justifica a escolha por uma pesquisa qualitativa. Como nos lembra Szymanski (2004a) a pesquisa qualitativa possibilita que acessemos conteúdos subjetivos, como é o caso da problemática em questão.

Como mencionei anteriormente, este estudo visa compreender aspectos sobre a experiência nas ruas. Para abordar essa problemática tão delicada com os meninos e meninas recorreremos a uma pesquisa qualitativa do tipo interventivo (Szymanski, 2004a). Esse modo de investigação tem como característica principal não apenas

partir do pressuposto óbvio de que toda pesquisa é por si só uma intervenção, mas principalmente realizar a pesquisa e ao mesmo tempo oferecer uma atenção psicológica aos que dela participam (Szymanski & Curi, 2004).

Além disso, perpassou toda essa pesquisa a adoção de uma atitude fenomenológica diante da problemática estudada (Szymanski, 2004). Tal atitude, busca deixar em suspenso os conhecimentos já existentes sobre certo fenômeno com o intuito de possibilitar que novas perspectivas deste apareçam. Este modo de estar na pesquisa permitiu que eu atendesse a exigência da investigação de extrapolar a minha condição de educador, de psicólogo e de militante de crianças e adolescentes em situação de rua. A atitude fenomenológica que perpassou a minha pesquisa priorizou a descoberta e não o reforçamento ou confirmação de um saber pré-estabelecido. Porém, ao mesmo tempo em que havia a necessidade de suspender minhas compreensões para dar espaço para que novas se constituíssem em vários momentos, em outros me utilizei dos conhecimentos que já tinha sobre o campo. Ou seja, a suspensão ou atitude fenomenológica não é uma tentativa de neutralidade, mas a percepção de que tenho um conhecimento prévio do campo, de que este não o apreende por completo e que em vários momentos é importante deixá-lo de lado para poder interrogar o que se mostra.

Assim, havia um conhecimento prévio construído por anos de trabalho com esse público. Ao mesmo tempo, havia também a necessidade de conhecer de forma mais aprofundada a experiência desses meninos e meninas. E foi ora lançando mão do conhecimento que tinha do campo e ora interrogando o campo que essa pesquisa foi se constituindo.

Como lembra Paulo Freire (1989), existe uma diferença fundamental entre dar-nos conta de algo e conhecer algo. Explico. Para dar conta de algo apenas precisamos nos colocar a caminhar pelo mundo, acordar, comer, ver pessoas, sentir cheiro, se molhar; seria o fluxo, algo que todos os seres dotados de sentidos sentem, o que o autor chama de cotidianidade. No entanto, conhecer algo implica no fato de nos termos ao que nos aparece, nos perguntarmos como ou por que aquilo é assim. Nesses momentos a mente “se arre pia”, ‘se emociona’ diante do objeto”, assim foi o meu percurso com os participantes desta pesquisa.

O autor destaca ainda como seria o *modus operandi* daquela pessoa que almeja intervir com a criança, aqui ele está falando da intervenção propriamente dita que deve respeitar o momento da criança para não impormos nossa vontade sobre à dos pequenos, assim é preciso “Esperar o ‘momento mágico’ [...] Ter paciência histórica para iniciar o processo, para aguardar a plenitude desse momento – o momento que se descobre o mistério existencial do menino” (p.13). Posso dizer que durante estes últimos meses isso foi feito de forma disciplinada para que além de conseguir a intenção última de minha estadia no campo, também compor a minha metodologia.

A princípio pensamos em fazer encontros com as crianças e adolescentes na própria rua. Porém, aos poucos percebemos que nela estes ficavam muito dispersos e muitas vezes estavam sob o efeito de substâncias psicoativas, nada novo para mim, mas que tornava o foco nos objetivos menos propositivos. Ademais, a rua está permeada pela violência cotidiana e por códigos complexos demais para serem explorados nesta pesquisa. Na instituição, visualizei um espaço onde os meninos e meninas se sentem mais protegidos. Embora outros atravessamentos nos esperassem, não havia ali o receio com traficantes, nem com a polícia ou a privação do café da manhã, por exemplo.

Para ilustrar, posso citar que em uma outra pesquisa, que ocorria simultaneamente a esta, eu precisava perguntar aos participantes com o que as suas mães trabalhavam. Se esta pergunta fosse feita na rua, próximo da mãe dele, a resposta não seria aquela que o menino me deu. Ao olhar para o irmão, o menino que mais à frente receberá o nome de Beleza Negra, disse que sua mãe vendia algo que ele não poderia dizer, depois de o acalmar em relação ao sigilo que havia entre o que ele dissesse e o meu propósito ali, ele respondeu que ela vendia cola. Assim, o espaço de uma instituição nos pareceu mais adequado.

Nos utilizamos da observação participante para compreender a dinâmica dos meninos e meninas na instituição. A observação participante é uma técnica de levantamento de informações que pressupõe convívio, compartilhamento de uma base comum de comunicação e intercâmbio de experiências com as pessoas participantes, através dos sentidos humanos: sentir, olhar, falar, entre pesquisador, participantes e o contexto de relações que é por todos construído e reconstruído a cada momento. Implica em estar e observar aonde a ação acontece (FERNANDES, 2011). O emprego

da técnica de observação participante demanda do pesquisador a utilização de recursos dos mais variados, pois é preciso inventividade para a compreensão dos vários fenômenos que emergem.

Parte do que a observação participante postula já era a minha forma de estar com os meninos e meninas durante os momentos em que estive como educador social e também como psicólogo de projetos com eles e elas. A mim é impossível não assumir a postura de educador destes meninos sempre que os encontro, seja pela rua ou mesmo dentro das instituições. Desta feita, mesmo que de forma despretensiosa eu acabo sempre buscando mais aproximação deles e delas, faz parte da construção de vínculo, imprescindível tanto para a intervenção quanto para a pesquisa interventiva. Por vezes eu cheguei a ligar para técnicos de instituições e para serviços para informar algo de algum (a) adolescente e pedir encaminhamentos para a garantia de direitos. Assim, em nenhum momento da pesquisa me desviei de minha multifunção de pesquisador, educador, militante e psicólogo.

A participação nas atividades rotineiras da instituição todas as terças-feiras nos possibilitou uma aproximação gradual delas e deles, com o intuito da realização da pesquisa, embora alguns participantes já fossem conhecidos por mim em decorrência de outros trabalhos realizados nesta mesma instituição e em outras organizações da sociedade civil. As observações realizadas foram registradas em diários de bordo.

Em dezembro, foi realizada uma entrevista reflexiva com os meninos e meninas, na qual participaram quatro adolescentes. Antes de iniciar a entrevista foi feita uma dinâmica a fim de tematizar as histórias de vida. Em seguida combinamos de fazer uma filmagem de cada pessoa durante a sua fala para depois discutirmos sobre o que foi dito no grupo. Cada participante falou de acordo com o tempo que quis falar, ou seja, não estipulamos um tempo específico para cada gravação; apenas lançamos mão de uma pergunta disparadora que norteou todo o momento.

A pergunta disparadora desta entrevista foi: como é sua vida? Como nossa proposta era interventiva, ao passo que a entrevista acontecia eu fazia pequenas devolutivas de compreensões sobre o que estava sendo dito por eles. Isso permitia tanto que eu compreendesse melhor o que estava sendo dito como também que eles percebessem o que estavam falando e assim pudessem não apenas refutar ou ampliar minhas reflexões como também aprofundar as considerações que estavam fazendo.

Esse caráter reflexivo da entrevista, no duplo sentido, de espelhamento e convite a reflexão, demarca o aspecto interventivo da entrevista. Segundo Szymanski (2004b):

A reflexividade [...] é a ferramenta que poderá auxiliar a contornar algumas dificuldades [...] em especial quando os mundos do entrevistador e entrevistado forem muito diferentes social e culturalmente e quando se procura construir uma condição de horizontalidade (p.197).

Como menciona a autora, na perspectiva da entrevista reflexiva se busca uma proposta horizontalizada, onde o saber é produzido no encontro entre pesquisador e participantes. Este momento requer a interação entre as partes, a relação entre “entrevistado-entrevistador” incide diretamente no modo como ocorre e na qualidade da informação. Ademais,

[...] a entrevista também se torna um momento de organização de ideias e de construção de um discurso para um interlocutor. Isso já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter recorrente, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados por emoções e sentimentos. O termo reflexivo tem sido usado sempre que ocorre esse processo recorrente (2004b, p 195).

O momento da entrevista reflexiva propicia um pensamento singular ao possibilitar a reflexão de algo que muitas vezes nunca foi tematizado. Durante nossa entrevista os meninos e meninas que participaram estavam diante dessa condição, embora já tivessem falado algumas vezes das suas vidas, aquele momento, para alguns – aparentemente - era um momento totalmente novo, um pensamento novo que estava sendo organizado para ser falado a fim de comunicar sobre suas vidas.

Além do mais, a entrevista reflexiva traz consigo um outro movimento muito peculiar, pois devolve à pessoa entrevistada a compreensão que foi entendida de sua fala. Assim, a reflexão cumpre uma dupla função, pois ao devolver ao entrevistado a compreensão que se teve da sua fala, a reflexão gerada deste movimento confere credibilidade ao conteúdo e abre novas possibilidades de aprofundamento. Além de garantir o componente ético da entrevista.

Por seu turno, o diário de bordo foi companheiro inseparável neste processo de pesquisa. As histórias narradas nos diários e relatos de encontro não são uma sucessão de fatos como diz Benjamin (2000), mas aglutinação de sentidos e me fazem lembrar o seguinte trecho da música *Apenas um rapaz Latino-americano* de Belchior:

*“Não me peça que eu lhe faça
 Uma canção como se deve
 Correta, branca, suave
 Muito limpa, muito leve
 Sons, palavras, são navalhas
 E eu não posso cantar como convém
 Sem querer ferir ninguém”*

Esse trecho vem à tona vez ou outra quando eu preciso escrever algo, mas parece que com o diário de bordo os “sons, palavras” são realmente “navalhas”, pois além do fato de que escrever não tenha a intenção de agradar ninguém, tecer diários sobre a investigação com crianças e adolescentes violentados pela rua, faz com que eu não possa cantar/escrever como convém, sem querer ferir ninguém, inclusive a mim mesmo. Ao longo dos encontros, discussões, conversas e entrevistas minhas impressões foram tecendo um material singular, os Diários de Bordo; eles foram e são a narrativa de tudo que me rodeava durante a investigação. Nestas linhas estão narradas as observações que fiz, a afetação que cada fato novo me causava e ainda, a inquietação que cada vida me provocava. Por várias vezes houve muita angústia e choro, mas também muita esperança e brilho no olho por causa dos meninos e meninas.

Como diz Daniela (2016) sobre a potência de escrever: “[...] escrevemos para habitarmos juntos, para nos eternizarmos na história, para partilharmos nossas vivências, experiências, sentimentos, narrativas, afetos” (p.32). Também Benjamin (1984) coloca em evidência a força que a escrita tem. Segundo o autor escrever difere do falar, este se apoia na sequência de pensamentos, enquanto escrever requer que se pare e se recomece a cada sentença escrita e nestes momentos, assim como no diário, experimentamos a reflexão sobre tudo o que aconteceu e o que está acontecendo simultaneamente.

Assim, o diário de bordo tem a função de compartilhar uma experiência vivenciada por quem o protagoniza, interlaçando várias narrativas (AUN, 2005). Também tem a função de propiciar a reflexão à medida que escrevemos. Como é “estória” precisa ser contada para que possa ser testemunhada pelas pessoas, inclusive por quem a escreve.

Assim, Diários de Bordo não são apenas possibilidades de restituição da historicidade de uma pesquisa: são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador. Embora única, sua biografia contempla as diversas outras que a ela se entrelaçam (p. 19).

Desta feita, os diários se tornaram aliados cruciais nesta pesquisa, pois me ajudaram a imprimir marcas do vivido naquilo que estava sendo narrado por mim, tanto de tudo que eu experienciava como pelo que eu observei na performance dos participantes. O diário aproxima a minha experiência singular da experiência que tive em grupo com crianças, adolescentes, educadores, técnicos, famílias; este movimento peculiar rompe com a burocracia acadêmica, pois a palavra pode circular (AUN, op. cit.).

A autora citada faz uma referência a um jogo de espelhos, onde as imagens se refletem e geram novas imagens e naquele jogo é possível ver, se é que se pode dizer, as imagens se entreolhando. Ao ler esta analogia me recordei de uma experiência vivida. Antes de ser educador social eu estudei teatro por alguns anos e na bela Escola de Arte João Pernambuco, um dos redutos de resistência da arte na cidade do Recife, deparei-me com uma vivência que agora lanço mão, pois me pareceu pertinente. Acontece que as aulas e ensaios na escola, às vezes, aconteciam nas salas de dança, e as salas de dança são espelhadas; então vez ou outra a gente se pegava tentando ver o limite do reflexo de nossa imagem espelhada nas paredes das salas.

Num desses momentos eu tive o que eu gosto de chamar de *insight* criativo; ali eu percebi que além dos espelhos conterem nossa imagem tanto da frente como de costas, eles também propiciavam um outro fenômeno que ao meu ver é uma alegoria ao entrelaçamento proposto pelo diário. Eu percebi que a quantidade de minhas imagens refletidas nos espelhos era praticamente infinita, mas como havia um momento em que a minha imagem ficava na frente do próprio reflexo era impossível alcançar mais eus, no entanto, era possível que eu contemplasse a imagem de um colega que estivesse ao meu lado em maior quantidade de vezes que a minha. Por mais que eu tentasse, em algum momento o meu reflexo impossibilitava de eu me ver um pouco mais, mas essa limitação era compensada com o reflexo da pessoa que estava ao meu redor. Assim como na sala de dança, foi a investigação. Se em alguns momentos eu me apercebesse de mim o meu limite sempre se expandia quando eu via a extensividade dos reflexos dos participantes, e embora eu os pudesse ver mais do que a

mim, eu só poderia dizer o que eu vi a partir do meu ponto de vista. E o diário se mostrou essa possibilidade de ampliar aquilo que foi vivido; ao passo que nesta pesquisa as histórias contidas nas narrativas se misturaram imitando o multireflexo de uma sala de dança.

Assim, o diário, mais do que uma ferramenta, tem se mostrado um guia de sentidos para as experiências contidas nas narrativas que ajudam no processo de compreensão dos dados e ajudam no jogo de distanciamento e aproximação do fenômeno. Para tentar compreender as narrativas e analisá-las, neste modo de pesquisar utilizarei a ideia de constelações.

A partir das narrativas colhidas nos diários de bordo, nos relatos dos encontros e nas entrevistas reflexivas, tecemos o sentido da experiência de crianças e adolescentes em situação de rua, tomando como base de análise a hermenêutica proposta por Hermann (2014), que entende que a análise ocorre no diálogo entre o leitor e o texto. Os temas provenientes deste diálogo foram constituindo constelações. Segundo Szymanski (2004a), estas vão se delineando a partir da leitura singular de cada pesquisador. “É preciso saber em que lugar nos encontramos, de que lugar falamos, pois, nossa compreensão é circunstancial, é situada” (p.3).

Então, o termo constelações elaborado por Szymanski (2004) se contrapõe ao estabelecimento prévio de categorias, pois constelações surgem de acordo com a leitura singular de cada pesquisador; recorro a reflexão de Hermann (2014) que diz que a verdade não está nem no texto nem em quem o lê, mas está no diálogo entre estes.

Uma constelação se apresenta para nós de forma bidimensional, esta é a única forma de olharmos as estrelas, pois não conseguimos ter a noção de profundidade a olhos nus. Embora estejam a milhares de anos-luz de distância entre si, só aparecem fenomenicamente como que num quadro reto. Ainda há um fato curioso a ser lembrado, é que o fenômeno é duradouro, aparece por um tempo, no caso das estrelas por muito tempo, mas por causa de sua distância de nós, algumas já podem estar mortas e ainda não apareceu seu desaparecimento para nossos olhos. “[...]as constelações referem-se não a uma entidade ‘externa’ objetivada, mas à compreensão que temos do que se nos desvela” (SZYMANSKI, 2004, p.04). Ou seja, o fenômeno da constelação é aquilo que vemos, no momento em que vemos.

Essas constelações em vários momentos se entrelaçam. Deste modo, faço uma separação para fins didáticos dos grandes temas que chamaram minha atenção nas narrativas para a compreensão das experiências de rua destes adolescentes. *A Extrema pobreza* é a primeira destas constelações, pois é condição (no sentido arendtiano) da situação de rua e incubadora do acúmulo de vulnerabilidades; depois seguiremos pela constelação *Violência*; *Ilhas de proteção*; *A brincadeira na rua: o lúdico e o perigo*; *Em algum momento vai se chorar por isso*; *Minha vida é um inferno* e *Falsa Liberdade*.

As constelações na ordem que aparecem têm ao menos algum nexos que as caracterize pelos seus nomes escolhidos, foram sendo elencadas como que numa escolha de personagens para compor um elenco de uma peça teatral na qual os atos cada um por si são independentes, mas postos em uma única dramaturgia, mostram o fio de sentido que existe entre atores, atrizes, diretores, autores e cenas.

4.1 Vidas

Existem instituições que fazem um trabalho específico com crianças e adolescentes em situação de rua. Este fato é importante ser ressaltado, pois nem todas as instituições que atuam com crianças e adolescentes trabalham com o perfil deste público. Em Recife existem poucas frentes que lidam diretamente com estes meninos e meninas; são os equipamentos públicos das políticas de Assistência Social e da Saúde que cumprem seus serviços pontuais com o público. A saber, as duas casas de acolhida, o serviço de abordagem social, os seis Centros de Referência Especializados da Assistência Social da Secretaria de Assistência Social e mais as duas equipes de consultórios na rua da Secretaria de Saúde. Além destes equipamentos existem também duas Organizações da Sociedade Civil (OSC) que são referência no atendimento com estes meninos e meninas, ambas estão sediadas no centro do Recife. Estas instituições fazem um trabalho sistemático de aproximação e atendimento destas crianças e adolescentes na rua e também atendem em suas unidades físicas as demandas provenientes dos desdobramentos de sua atuação.

Eu, em momentos distintos e, em outros simultâneos, pude trabalhar com estas instituições tanto no atendimento direto ao público desta pesquisa quanto na

incidência política por reivindicação dos direitos adquiridos por crianças e adolescentes. Por causa de seus compromissos sistemáticos, estas duas OSCs são consideradas como referência no atendimento com crianças e adolescentes em situação de rua, tanto por mim quanto pelo SGD¹³ de Recife. E foi em uma destas instituições que realizei meu trabalho de campo desta pesquisa, lugar onde a vida pulsa ao ritmo do berimbau, da dança e da proteção a crianças e adolescentes.

Esta instituição chamarei de Vidas ao longo deste estudo, pois tem sido nisto que eles estão apostando há mais de trinta anos nas ruas e praças do Recife. Vidas é uma organização sem fins lucrativos; foi fundada em 1989 na cidade do Recife e desde então tem atuado na garantia da defesa dos direitos de crianças e adolescentes. A instituição desenvolve processos pedagógicos com os meninos e meninas em situação de rua e toma por base a educação social de rua, “entendida como um conjunto de ações político-pedagógicas que resultam num processo de estímulo à criança e ao adolescente para que reflitam sobre a sua vida, pensando em novos rumos”¹⁴. A prática pedagógica proposta tem o foco na relação educando/educador social de rua que visa à aproximação sistemática a fim de construir vínculos de confiança que permitam a compreensão da situação de cada criança em particular e do contexto geral em que ela vive.

Durante a semana a instituição Vidas atende os meninos e as meninas com ações diversas como a educação social de rua, reuniões político-pedagógicas, passeios pedagógicos, cuidados com saúde, alimentação e autocuidado; o trabalho de educação social de rua consiste na porta de entrada para a articulação entre instituição e educandos. A educação social está associada ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários dos educandos. Assim, é feito um trabalho de formação e de organização política com as crianças e adolescentes e suas famílias para que compreendam o contexto de vulnerabilidade social em que se encontram de maneira que

¹³ SGD é a sigla de Sistema de Garantia de Direitos; trata-se de uma rede de serviços e programas voltada para o atendimento integral de crianças e adolescentes, passando por escolas, Conselho Tutelar, Organizações da Sociedade Civil, equipamentos da Assistência Social, Segurança Pública, entre outros.

¹⁴ Esta citação se refere a uma publicação interna da instituição que tem por título “No meio da rua: resgatando sonhos, desejos e construindo cidadania” na qual se faz uma síntese de sua atuação ao longo dos dez primeiros anos de existência em 1998.

elas e eles se sintam impulsionadas a pensar possibilidade de transformação da realidade a partir da reflexão crítica feita cotidianamente pela instituição.

5 Os encontros, os diários e as entrevistas

Apresento agora uma síntese dos encontros com os meninos e meninas que participaram desta pesquisa; a tessitura desta parte do texto se deu por minhas narrativas a partir das observações, das entrevistas reflexivas e dos diários produzidos. Estes materiais escritos, num primeiro momento separadamente, aqui se entrelaçaram para poder trazer melhor compreensão às (os) leitoras (es) destas palavras.

As participantes que nos ajudam a compreender melhor as experiências de crianças e adolescentes em situação de rua, são uma criança de 11 anos e oito adolescentes de 12 a 17 anos, são todas (os) negras (os), com exceção de Pica Pau, serão chamadas aqui por nomes que em algum momento da pesquisa fez referência a uma particularidade sua.

Cantor	Este é um menino de 14 anos que adora cantar e já está nas ruas há mais de 5 anos.
Beleza Negra	Este é um adolescente de 12 anos que vive com a sua família desde muito cedo nas ruas, este nome se deu por causa de sua vontade em assistir ao filme homônimo.
Escola	Este adolescente tem 14 anos e é o único de seus irmãos que não está na escola. Está vindo para a rua desde muito cedo com a mãe, mas agora tem ficado só com os colegas.
Gata Pintada	Gata Pintada é uma menina transexual de 15 anos, que está no processo de se reconhecer pelo gênero feminino. Este nome adotei, pois ela fez referência a

	uma personagem infantil em um momento de bastante descontração.
Novos Rumos	Novos Rumos é um adolescente homossexual de 16 anos e eu havia o conhecido em uma pesquisa sobre situação de rua numa casa de acolhimento chamada Novos Rumos.
Pique-esconde	Este é a única criança do grupo, tem 11 anos e é irmão de Beleza Negra; diferente do irmão passou algum tempo na casa de seus avós e veio para a rua há uns dois anos. Este nome surgiu por ser este o nome da sua brincadeira favorita.
Consciência Negra	Esta é uma adolescente de 17 anos e que durante a pesquisa esteve grávida e chegou a dar à luz a sua segunda criança. Esse nome se deu porque ela disse que em um dos encontros que já tinha a consciência negra.
Pica-Pau	Este é um adolescente de 13 anos, o único que participou dos encontros e que não era negro. Disse que foi chamado de pica-pau por ter pintado o cabelo de vermelho uma certa vez.
Atleta	Este adolescente de 12 anos recebe esse nome por suas aventuras envolvendo atividades físicas. Está mais sistematicamente na rua a mais ou menos um ano.

Nos primeiros dias de trabalho de campo estive em busca das assinaturas dos termos para conseguir realizar a pesquisa. Assim, dirigi-me às comunidades onde os meninos moram na esperança de conseguir com alguma mãe¹⁵ o seu consentimento permitindo que seus filhos participassem dos encontros na instituição onde foi realizada a maior parte do trabalho. Num dos primeiros dias cheguei a uma casa, onde já tenho vinculação com a família, que ilustra bastante como é a vida destas famílias e como é a dinâmica dos meninos e meninas em situação de rua.

Aqui lanço mão de um diário de bordo que me marcou; as duas pessoas chamadas de “Batalha e Jogador” não participaram dos encontros, mas são coautores desta pesquisa. Naquele dia fui à comunidade do Coque para tentar conseguir as assinaturas das mães dos meninos que iriam participar da pesquisa, mas só consegui encontrar uma das mães e nenhum dos meninos estava em casa na oportunidade. A casa é de três cômodos, a sala de uns 6m², a cozinha na mesma proporção e o banheiro, que eu subentendo que exista, deve ser pequeno como o resto da casa. Dona Batalha me confidenciou que Jogador não está indo para a escola, diz que ele não gosta, pois, os amigos são todos menores que ele por estar numa série não compatível com a sua idade. No mesmo dia, mas só que já um pouco mais tarde quando já estava voltando do Coque, encontrei Jogador e mais três meninos na estação da Joana Bezerra. Eles estavam indo jogar futebol e apenas conversamos um pouco, não consegui mais encontrar Jogador ao longo da pesquisa, pois ele deixou de ir à instituição.

A dinâmica dos encontros continuou com alguns impasses, mas nada que não fosse contornado. Depois de ter ido com educadores e educadoras da instituição para diversos logradouros na tentativa de verificar se seria possível realizar encontros grupais na rua, percebi a impossibilidade de realização das reuniões, pois seria necessário um pouco mais de tempo e de uma estrutura toda montada para a realização de uma pesquisa. Assim, decidi que utilizaria só o espaço disponível na instituição, que é onde os meninos já se reúnem periodicamente e que possui uma estrutura completa para receber os meninos e meninas e novas intervenções. Então aproveitei o espaço que já era disponível e consegui fazer os encontros com os meninos, na perspectiva

¹⁵ Utilizo o termo mãe propositalmente, pois em minha experiência com este público sempre encontro as mães dos meninos e meninas em suas casas, ainda que esta pessoa não seja sua genitora, mas a relação com estas mulheres é de maternagem.

da observação participante, depois realizando uma entrevista reflexiva para compor os dados coletados.

Os dias de encontro começavam mais ou menos da mesma forma. Eu chegava um pouco mais cedo na instituição para tentar receber os meninos antes deles tomarem o banho e o café da manhã. Já nos primeiros dias foi preciso que eu estivesse antes do nosso encontro e depois fui percebendo que seria a forma mais acertada de conseguir realizar o trabalho com os participantes, pois eu só conhecia uma parte dos meninos que estavam indo mais assiduamente para a instituição.

Um outro grupo que eu conhecia a mais tempo havia se afastado. Esse era um fator novo para mim, mas nada distante da dinâmica dos meninos. E depois, por causa da peculiaridade do imediatismo das crianças e dos adolescentes, alguns encontros simplesmente feneceram antes mesmo de começar. Assim, ao chegar mais cedo pude participar das outras atividades que aconteciam antes do nosso encontro. Isto me ajudou a ficar mais próximo do cotidiano daquele grupo e de entender melhor o movimento da instituição.

Os encontros começavam sempre com alguma dinâmica para introduzir os temas com os meninos. No primeiro dia após eles participarem de uma oficina de arteterapia sobre o dia da consciência negra discutimos sobre essa data, posto que a instituição trabalhara o tema durante todo o mês de novembro. Os meninos brincaram entre si o tempo todo e ficaram mais interessados em assistir ao filme que seria passado logo em seguida. Mesmo assim puxamos a discussão sobre o dia 20 de novembro e perguntamos sobre o que achavam desse dia. A princípio os meninos não falaram nada sobre o dia da consciência negra. Ao instigar os meninos sobre sua cor de pele, a temática apareceu bem escondida na fala dos meninos; além de não se reconhecerem negros, atenuam as falas se dizendo morenos. Isso mostra traços do racismo estruturante em que vivemos, onde os meninos não conseguem se dizer negros, porque o tempo todo a cor preta é sinônimo de algo com menor valor e com resquícios de pessoa menos humana.

Apenas uma das meninas, Consciência Negra, é que fala e diz que já tem a consciência negra e se refere ao período em que estive na FUNASE onde havia oficinas de dança e de canto sobre os ritos e a história das pessoas africanas que foram trazidas para o Brasil. Consciência Negra passou por vários momentos de violência,

inclusive relatando que se encontrava em uma relação abusiva com um adulto que a espancava.

Por fim, depois de o filme terminar, só uma pessoa assistiu ao filme: Beleza Negra; a intenção dele era assistir, só assistir como uma criança assiste a um filme em casa. Isso fica muito claro quando ele responde à minha pergunta de o que eles acham de ter este espaço para poder assistir filmes; Pica Pau diz que conhece novas coisas e Beleza Negra solta “a gente não tem televisão, a gente não tem nada pra poder assistir”.

Durante outro encontro, algumas cenas se repetiram. Os meninos, após comerem, ficaram sonolentos, pois podem relaxar ali. Neste encontro começo a perceber que o fato de os meninos e meninas estarem em um lugar de promoção de direitos faz com que se sintam protegidos; percebo que a brincadeira começa a despontar como uma das condições mais potentes nos meninos, o fato de se permitirem serem crianças quando se dá ou se pode ser. Estar no espaço de proteção com os adultos por perto, que eles sabem que vão cuidar deles, se mostra confortante, embora eles brinquem e brinquem de forma mais pesada como fazem nas ruas. A presença dos educadores na instituição garante esse mínimo de segurança e de bem-estar, ao contrário do ambiente violento da rua. O brincar parece ser uma boa alternativa para chegarmos mais perto dos meninos, afinal o lúdico é a força motriz do trabalho com crianças em instituições que trabalham com o público em situação de rua.

Atleta, Gata Pintada e Cantor disputavam entre eles quem mais sabia sobre a cidade do Recife, até que Atleta nos conta uma situação onde ele e Escola haviam roubado um cavalo, em seguida sofreram um acidente e foram parar no hospital. Refletimos sobre os perigos que existem nas ruas e da diferença que era estar em espaços protegidos como a instituição.

Cantor tem apenas 14 anos e já anda com mochila. Ou seja, este menino já está ficando pela rua de forma mais sistemática. Ele imita o procedimento dos adultos. Reparei nele quando já estava indo embora, pois nesse outro dia não foi possível fazer o encontro, embora alguns meninos tivessem passado pela instituição no início da manhã.

A chegada de Consciência Negra, que tinha acabado de dar à luz a sua segunda criança alterara todo aquele dia, pois todas as atenções se voltaram imediatamente para essa novidade, e mesmo por que era preciso cuidar da adolescente.

O dia seguinte foi de praia com os meninos. Esta atividade havia sido combinada na manhã do dia anterior. Apareceram Cantor, Pique-esconde e Beleza Negra. Lá chegando, Cantor estava fascinado pelas mulheres de biquíni. Ficava o tempo todo dizendo que queria fazer isso ou aquilo com elas, chegando a reproduzir falas violentas contra as mulheres, algo que rapidamente todos nós tentamos refletir com ele, afinal estávamos na praia para diversão e violência é o oposto disso. Assim, introduzi o tema que havia planejado que era o de como se dava a brincadeira destes meninos na rua, em casa e na instituição. Nessas horas estamos todos falando com alegria das brincadeiras. Esse momento é sempre espontâneo na rua; vez ou outra saímos do foco, tanto os meninos quanto os educadores. Não adianta a rigidez, ela só afasta os meninos de nós mesmos. Ali somos como que pessoas que cuidam uma das outras. Os educadores são referência para as crianças, daí a importância de estar num registro próximo deles, colocando-se junto para poder conseguir avançar em algo. Isso acontece o tempo todo.

No quarto dia de encontro cheguei à instituição ainda enquanto os meninos estavam tomando banho e alguns já estavam tomando café. Ao entrar na cozinha percebi que estava sendo feito um curativo em Consciência Negra, algo que se repetiu na outra semana com ela ainda de resguardo; Consciência Negra havia sido espancada pelo seu companheiro, além de ter se envolvido em outra briga na qual resultou em ferimentos de faca. A violência foi a temática deste dia, mas não foi algo pontual nas falas dos meninos. O tempo todo há um misto entre o perigo e o lúdico.

Ao começar o encontro pedi que os meninos desenhassem aquilo que gostam de fazer tanto em casa, como na rua. No entanto, os desenhos vieram carregados de violência; Novos Rumos chegou a dizer que gostaria de ter uma arma para se vingar de uma “inimiga” que havia lhe agredido com uma faca.

Faço uma reflexão com eles, de que na rua eles tinham dado a ideia de que gostariam de cheirar cola ou de brincar como algo divertido, e que em casa traziam algo que não era próprio para um adolescente. Digo que não há muita diferença entre estar na rua e em estar em casa, se for dessa forma. Novos Rumos brinca e diz que

a rua é a sua casa. E que não faz isso em casa, mas que perto de onde reside isso é comum, e que queria ficar dessa forma. Digo que a forma como ele queria ficar em casa com uma arma é uma forma violenta. Então volto para como é ficar no local protegido como a instituição, mas Novos Rumos parece estar muito mexido com essa violência, pois diz que em qualquer lugar pode acontecer a violência. Sem mais possibilidades de abordar outros assuntos, o encontro termina. A hora já era avançada, mas ficou evidente que a reflexão sobre a violência mexeu demais com eles.

No último encontro realizei com os meninos uma entrevista reflexiva. Filmei as respostas deles a uma pergunta disparadora: Como é a sua vida? A ideia era mostrar para eles a filmagem do que eles disseram depois, essa última parte foi sem sucesso; pois os meninos já estavam dispersos e ansiosos para almoçar.

Atleta. O adolescente começa a falar de coisas materiais, mas como se fosse sonhos da vida, como casas grandes, carros, piscina. Fala bem descontraído, enquanto os outros meninos brincam com ele e ele com os outros meninos. Digo que isso é um sonho, insisto em saber como é a sua vida. Ele diz que queria ter a mãe de volta, pois ela está morta. Mais uma vez eu pergunto a ele: Como é a vida de Atleta, o que Atleta faz? Diz que cheira cola e dorme na rua de vez em quando e que gosta de jogar futebol. Diz que cheira cola na rua e em casa, em todo canto. Quando pergunto, ele diz que cheirar cola é bom, assim como ficar na rua. Pergunto se só tem coisa boa na rua, ele diz que tem coisa ruim. Mas fica por isso mesmo. Ele diz que quando não cheirava cola era menino bom, mas também não ganhava nada com isso. Pergunto se hoje ele não é menino bom. Ele responde que não, pois não ganha nada; como se ganhar as coisas fosse fruto do bom comportamento. Depois desse momento ele fica mais pensativo e não quer mais falar.

Gata Pintada. Começo perguntando o seu nome ela diz que é Gata Pintada e Gato Pintado. Pergunto qual nome prefere, então diz que prefere Gata Pintada. Já tem um tempo que ela está nesse processo de querer ser chamada por um nome feminino. Sei disso, pois nos encontramos com certa frequência pelas ruas do Recife desde 2016, quando ela fazia parte de um projeto no qual eu trabalhava como psicólogo e educador social em outra instituição.

Pergunto como é a sua vida. Ela diz que a sua vida é toda doida. Não sei se por que estava escutando a fala do seu colega anterior, ou por outro motivo. Mas,

estava bem concentrada em falar desde o começo, talvez por fazer eco à fala de seu colega em sua vida. Essa é a impressão que fica. Pergunto por que a sua vida é doida. Ela diz que é dessa forma por ela ser virada – pergunto virada como. Ela diz que é toda doideira. Como é toda doideira, pergunto. Diz que ficar pela rua, pedindo dinheiro aos outros e cheirando cola. Pergunto por que cheirar cola é doideira; ela diz que é por que fica “lombrada” (sob o efeito da substância psicoativa) e que fica com vontade de matar um.

Mais uma vez surge essa brincadeira com a morte, quase que um flerte com a violência. Mas, sem dúvida, uma possibilidade concreta de algo que pode acontecer com elas, assim como acontece com alguma frequência nas comunidades de onde elas e eles moram, como na crueza e falta de proteção da rua.

Fala que na instituição tem pessoas boas. Pergunto se ela consegue ver alguma diferença entre estar na instituição e estar na rua. Ela para um pouco e fica pensativa, diz que sente diferença, pois na rua “os outros” é maltratado e xingado e aqui “os outros” (ou seja, ela e os demais) são bem tratados, assim como em casa, mas na rua sofrem violência, são xingados e são roubados. Fala com pesar dessa situação que sofrem na rua, o semblante se enche de tristeza, como se fosse inevitável não sofrer esses infortúnios quando não estão em casa ou na instituição.

Em meio a essa tristeza que nos envolveu, reflito com ela que a instituição é esse lugar que ela gosta. Ela confirma, mas fica claro para mim que é o que está faltando e/ou o que sempre faltou do ponto de vista do cuidado. É o que ela está denunciando com sua tristeza. Então pergunto se ela poderia fazer um resumo do que seria a sua vida. Fala que a vida está “meio lá, meio cá”, que alterna momentos de tristeza e de alegria, sente-se bem e se sente mal, diz que ao brincar com os amigos se sente melhor tanto na rua como na instituição; diz que o momento em que fica triste é quando falta dinheiro para comprar cola e cigarro; diz que sente falta de sua amiga Priscila, que a ensinou como era a rua, as coisas boas e as coisas ruins; ensinou desde a usar drogas como a paquerar na rua. Priscila, uma outra menina transexual foi quem esteve apresentando o mundo para a Gata Pintada, o que demonstra como a ausência de adultos responsáveis pode gerar mais empecilhos ao desenvolvimento de uma adolescente – ao chegar na rua, uma adolescente vai procurar se agrupar com quem mais tem afinidades, tanto para poder partilhar algumas coisas, como para

tentar se manter mais segura. Não posso deixar de identificar nessas meninas um acúmulo de vulnerabilidades. Logo em seguida, ela mesmo colocou um ponto final à sua entrevista.

Cantor. Cantor fala pouco. Quando pergunto sobre como é a sua vida ele apenas diz que se restringe a comer, pegar a comunidade¹⁶ e trabalhar. Mas também diz que a rua e a sua casa são um inferno; fala que só ao ir para a sua casa própria, sem sua mãe, é que as coisas vão melhorar. Pergunto por que a rua e sua casa são um inferno e ele apenas responde que é por que as pessoas ficam chateando-o. Não fala mais nada. No chão, como já estava, ele se vira para não mais falar comigo.

Escola. Faço a mesma pergunta, mas parece que Escola está mais interessado numa possível vida que possa ter, pois fala de uma vida de adulto, com casa, carro e moto. Fala de sua família que tem mais 4 irmãos e diz que todos moram com a mãe. Particularmente eu conheço parte dessa família de Escola, sua mãe e seus dois irmãos menores estão sempre em um local movimentado do Recife, a Estação Central do Metrô; como estive por muitas vezes lá num projeto que era executado até agosto de 2018, consegui me aproximar de seus irmãos que têm dois e seis anos de idade e que são utilizados pela mãe para conseguir mais dinheiro dos transeuntes que passam pela estação.

Escola diz que a sua vida é boa, pois fica fumando maconha na rua, pergunto se é só isso e ele não fala mais sobre. Então pergunto sobre a escola – embora eu já soubesse que ele já não estava estudando neste ano – e ele fala que foi tirado da escola pela mãe, por que faltava muito e sua mãe corria o risco de perder o Bolsa Família. Lembro-me de que foi duro certa vez escutar a sua mãe dizer que não iria prejudicar a vida dos outros filhos por causa do Escola; disse que não consegue fazer mais nada com ele, pois ele não a obedece e então ela perde a paciência e bate nele. Sua mãe chegou a dizer que tem vontade de dar conta de sua vida juntamente com as dos seus filhos, pois precisa se manter e não tem dinheiro, fora o que pede na rua e que ainda tem que levar os filhos pequenos para a rua. Daí terminamos a pequena entrevista, pois ele já não queria entrar nos assuntos sobre a sua vida.

¹⁶ O adolescente se refere a pegar alimentos dados por grupos de pessoas que, de forma voluntária, colocam-se à disposição para entregar alimentos, roupas, entre outras coisas, para pessoas em situação de vulnerabilidade social, entre estas as pessoas em situação de rua.

6 As constelações e reflexões

Como já dito, as constelações que agora serão apresentadas estão agrupando os grandes temas que emergiram durante o início da análise. Estas constelações em vários momentos se entrelaçam, pois, os temas que dão sentido a este tipo de análise emergem dos próprios sentidos que me foram saltando durante as reflexões do processo investigativo, assim, alguns dados podem aparecer mais de uma vez e serem abordados de forma distinta, mas sempre se mantêm conservando uma ligação entre as constelações. Deste modo, faço uma separação para fins didáticos dos grandes temas que chamaram minha atenção nas narrativas para a compreensão das experiências de rua destes adolescentes. A Extrema pobreza é a primeira destas constelações, pois é condição (no sentido arendtiano) da situação de rua e incubadora do acúmulo de vulnerabilidades; depois seguiremos pela constelação Violência; Ilhas de proteção; A brincadeira na rua: o lúdico e o perigo; Em algum momento vai se chorar por isso; Minha vida é um inferno e Falsa Liberdade¹⁷.

6.1 Extrema pobreza

A rua em si já expõe um problema muito grave em cidades como Recife: a situação de risco em que crianças e adolescentes se encontram. Mas a extrema pobreza da maioria destas famílias é uma condição fundamental para compreender este fenômeno¹⁸. Recorro ao meu primeiro diário de bordo quando fui visitar algumas mães a fim de pedir autorização para que seus filhos participassem da pesquisa. Ao chegar em uma das casas me deparei com a mãe de um adolescente que eu havia conhecido pelo meu trabalho como psicólogo há alguns meses. Embora houvesse um sorriso no rosto dessa mãe, logo em seguida eu e ela chegamos à conclusão de que seria difícil dar conta de mais uma criança.

¹⁷ Estas constatações da pesquisa, às quais chegamos nas constelações, corroboram com vários outros estudos que investigaram crianças e adolescentes em situação de rua, uma grande parte destes materiais foram organizados por assunto e área de conhecimento nas pesquisas e levantamentos feitos pelo CIESPI e estão disponíveis em: <http://www.ciespi.org.br/>. Num estudo do CIESPI que levanta temas relevantes sobre a infância e adolescência em situação de rua no Brasil, Rizzini e Couto (2018) destacam definições e terminologias utilizadas no Brasil, características, situação familiar, entre outros aspectos. Articularei algumas destas temáticas com as compreensões aqui apresentadas.

¹⁸ Sobre a extrema pobreza e a forma como se constitui a população em situação de rua, conferir o estudo antropológico de Leal (2007).

Minhas impressões daquele dia:

[...] ela me recebeu com sorriso no rosto e foi logo apontando para a barriga dizendo que estava grávida – eu percebi logo de cara – talvez pensando em que a situação da gravidez já é mais um complicador para aquela família que eu sei tem, além de Jogador, mais duas crianças em idades escolares, sei também que eles não têm condições financeiras e que a casa de Dona Batalha é minúscula em um beco que mal passa uma bicicleta (Diário de bordo 17.10).

Aqui me vali de contatos prévios com esta família que ao longo do ano de 2018 pude acompanhar juntamente com uma equipe interprofissional. Como já conhecia a dinâmica da família e algumas dificuldades que propiciavam o seu adolescente estar nas ruas, pude perceber que o cenário de extrema pobreza se mantinha, afinal havia pouco tempo que estivéramos juntos em algum encontro com famílias ou mesmo em visitas domiciliares. A condição era a mesma, com um novo fato: a mãe estava grávida. Isto, para ela, já era uma nova dificuldade tendo em vista não mais estar fazendo um pequeno trabalho na comunidade. Segundo ela me disse, este era muito precário.

Esta condição material das famílias se repete de forma quase que sistemática, pois são poucas as que não estão na extrema pobreza, sendo que todas são pobres, ao passo que as vulnerabilidades se acumulam, ou seja, as famílias dos meninos e meninas em situação de rua moram em comunidades permeadas pela violência; em casas insalubres, sem saneamento básico, com grande número de pessoas, gerenciadas apenas por mulheres; as pessoas adultas estão desempregadas ou estão fazendo trabalhos informais como a venda ambulante em avenidas ou estacionando carros nas ruas. No caso destes meninos e meninas que participaram da pesquisa todos estão nesta situação da extrema pobreza.

Nas palavras de Arendt (1988):

Pobreza é mais do que privação, é um estado de constante carência e aguda miséria, cuja ignomínia consiste em sua força desumanizadora; a pobreza é abjeta, porque submete os homens ao império absoluto de seus corpos, isto é, ao império absoluto da necessidade [...] (p.48).

As famílias extremamente pobres estão desassistidas pelas políticas públicas, sejam elas de transferência de renda, de educação, de trabalho e renda, de moradia e demais; com sorte as políticas de Assistência Social e de Saúde são as que chegam com certa pontualidade, mas ainda assim se mostram ineficazes. O terreno em que

estas pessoas se habituaram a viver demonstram condições adversas de sobrevivência.

Nós humanos nascemos sob determinadas condições pelas quais a vida nos foi dada. “Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência” (ARENDT, 1999, p. 17). Estas condições lançam as pessoas no mundo, embora não determinem as suas existências, são o terreno de onde partem. A extrema pobreza é umas das condições de onde partem os meninos que participaram desta pesquisa. As privações provenientes das faltas materiais e da dificuldade ao acesso a direitos fundamentais, como educação e alimentação, fazem parte das vidas destas crianças e adolescentes e das suas famílias e de suas comunidades.

A forma como estas crianças e adolescentes são apresentadas ao mundo, a partir de muitas faltas condicionadas pela extrema pobreza, limitam-nas existencialmente. Cabe insistir que apresentar o mundo para as crianças é tarefa exclusiva de pessoas adultas. Todas as pessoas recém-chegadas precisam que os adultos se responsabilizem tanto por sua sobrevivência, como por sua introdução gradativa no mundo (ARENDT, 1997). Mas em razão da privação e da urgência da vida estas crianças acabam chegando à rua na busca pela sobrevivência, apresentadas de forma descuidada, primeiro pelas famílias e comunidades e depois sem a transição para a vida adulta, proporcionada pela escola, podem acabar sendo destruídas fisicamente e/ou em sua natalidade¹⁹. Segundo Brayner (2008):

¹⁹ A natalidade é um dos conceitos mais relevantes em Arendt, é também a condição humana mais profundamente ligada às atividades humanas, em especial à ação, pois sua tarefa consiste em “produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta” (ARENDT, 1999, p. 17). A natalidade é a condição humana do novo começo, só acontece por causa da capacidade dos que estão chegando conseguirem iniciar algo novo, ou seja de agirem. “Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade” (p.17). Por seu caráter criador a natalidade age de forma inovadora já que sempre cria algo novo; esta “imprevisibilidade é inerente a todo início e a toda origem [...] O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos, equivale à certeza [...]” (p.190). Esta novidade só é possível de acontecer porque cada pessoa é singular, ou seja, cada nascimento traz consigo a possibilidade infinita de algo inteiramente novo acontecer, visto que cada pessoa é única no mundo e nem antes e nem depois haverá ninguém igual a ela. A partir da ação iniciadora cada pessoa vai construir sua teia de relações e é através desta convivência que seu discurso se distingue das demais pessoas, o que garante à condição da natalidade o caráter singular e plural ao mesmo tempo, pois é pela palavra que o ator, o agente do ato, torna relevante o que já fez, o que faz e o que ainda pretende fazer. “Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades

A família (socialização primária) nos fornecia os instrumentos de base para a internalização dos mais simples códigos sociais (sentidos), de uma forma ainda regida por laços afetivos e privados. A escola (socialização secundária) [...] significava nossa entrada lenta na esfera pública e nossa introdução numa comunidade de sentido mais ampla, mais aberta, mais complexa, mais concorrencial, solicitando de cada um, um nível de responsabilidade mais rigoroso e exigente. Mas, quando estas duas instâncias começam a não dispor mais de condições para responder e oferecer aqueles predicados, começamos a experimentar uma crise de sentido que pode ter consequências desastrosas para o nosso “viver juntos” (p. 29).

Assim, como as famílias não conseguem cumprir com o cuidado com a sobrevivência e com a tarefa da apresentação dos seus filhos ao mundo, a escola também não aparece como sendo o espaço secundário para dar continuidade ao processo de devir destas crianças no mundo. Logo, a extrema pobreza pode ser vista como condição, no sentido arendtiano, para uma apresentação vulnerabilizada.

Ao entrar em contato com esta realidade, tendo noção de que existem crianças e adolescentes em situações extremas como as que tratamos aqui; surgem perguntas, sendo as respostas, talvez, mais inquietantes do que as próprias questões em si: Quem cuida destas crianças? Quem sente medo de perdê-las num acidente? Quem se preocupa se elas não voltam para dormir em casa?

As pessoas que tiveram muitas privações são as mesmas que se importam com estas crianças em casa. Quem está sofrendo por elas geralmente são as mães, avós e tias. Mas nem sempre se consegue transformar esse sofrimento em cuidado e em possibilidades de saída das ruas. Estas mulheres são geralmente muito vulnerabilizadas também: faltam-lhes recursos financeiros e liberdade advinda da vida pública.

Os relatos mais desoladores que eu pude ouvir em minha trajetória são feitos por essas mulheres: “ele não é mais meu filho”, “a cola é um inferno na vida destes meninos”, “estou vendo a hora ele aparecer morto”, “dá vontade de acabar com minha vida e levar eles junto comigo” entre outras falas que já escutei em visitas a estas famílias. O mundo foi tão cruel com estas pessoas que elas acabam não conseguindo mais cuidar de seus filhos, como eles necessitam. Às vezes essas famílias não têm sequer algo para comer. Nessa precariedade, as estratégias de sobrevivência nem sempre são a melhor opção para o desenvolvimento e proteção dos seus filhos.

personais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano [...]”. E como a natalidade é sempre algo que inicia “Esta qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão com as outras, isto é, no simples gozo da convivência humana [...]” (p. 192).

O fenômeno da extrema pobreza e os limites que este impõe aos mais vulneráveis incide diretamente em como os meninos e meninas acessam o mundo, pois ao não ter mais adultos que os protejam, carecem de cuidados. É evidente que um olhar despretensioso poderia inferir que estes pequenos foram abandonados; até foram, mas na verdade a família toda padece da mesma condição. Em todo caso, essa forma de acessar o mundo não permite que os meninos sejam cuidados – sem serem cuidados eles não são apresentados ao mundo paulatinamente, são apenas soltos: para uma criança, isto é, por si só uma violência. Desta forma, a violência ocupa uma grande parte da vivência destes meninos e se torna aqui um outro desdobramento deste estudo.

6.2 Violência

“Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação.”
(ARENDT, 1997, p.239)

Esta responsabilidade que Hannah Arendt traz acima se refere ao amor ao mundo²⁰, este lugar que todas as pessoas habitam e onde decidimos como vamos negociar a convivência de forma democrática a fim de que todos os seres humanos possam existir em suas singularidades e ao mesmo tempo possam preservar a felicidade pública²¹.

²⁰ Amor ao mundo ou *amor mundi* é o conceito agostiniano, amplamente disposto nos textos da autora Hannah Arendt, utilizado para designar a disposição humana em negociar entre iguais as coisas mundanas, sempre de maneira dialógica. Não tem relação com o planeta terra, mas sim com as pessoas que habitam o mundo e fazem dele através de suas relações o mundo humano. O amor ao mundo consiste da responsabilidade de conservação do mundo comum para as demais gerações; já que somos mortais precisamos preservar o mundo para a novidade que nele chega, ou seja, as crianças. Esta é a forma que permite a perpetuação da tradição humana.

²¹ Em **Da Revolução** Arendt (1988) faz a discussão sobre o caráter libertário das revoluções históricas na Europa e na América. Diz que a ideia central em uma revolução é a instituição da liberdade, uma mudança no corpo político de um povo para que a liberdade possa de fato aparecer para seus cidadãos. No caso do povo americano “Essa liberdade, eles a chamaram mais tarde, quando passaram a usufruí-la, de ‘felicidade pública’, a qual consistia no direito do acesso do cidadão à esfera pública, em sua participação no poder público” (p. 102). Esta ideia de felicidade pública difere da felicidade particular ou privada, pois o povo entende que não podem ser felizes individualmente se não forem felizes no conjunto entre os seus pares.

Este mundo sempre tem recebido pessoas novas, as crianças, que precisarão do cuidado de adultos para não se perderem na violência²² que é justamente a antítese do amor. Ou seja, só existe violência onde falta o amor ao mundo. O amor ao mundo e o cuidado com as crianças, embora pareça óbvio dizer, remetem à preservação do próprio mundo, no sentido que lega aos homens o compromisso de conservar tudo que foi construído antes de sua chegada e que permanecerá após sua partida (ARENDT, 1997). Este legado deve ser repassado para os que virão, e estes, por sua vez terão que decidir se darão continuidade a ele.

Assim, as crianças são apresentadas ao mundo, no entanto, o espaço público tem sido ocupado pela disputa econômica onde não há lugar para o amor ao mundo e para a felicidade pública, ambos trazidos por Arendt (1988). Quando a economia ocupa o espaço público, a felicidade pública passa a não ser levada em conta, pois os interesses são puramente privados. A conservação do mundo no sentido arendtiano²³ perde espaço neste contexto, assim como o cuidado e a educação²⁴ destas crianças. Em se tratando de crianças e adolescentes em situação de rua isto fica ainda mais explícito. Se a educação para crianças das classes economicamente privilegiadas se reduz, na maioria das vezes, à tentativa de que elas sejam competitivas no mercado, no caso de crianças que estão nas ruas o que poderá se esperar do cuidado

²² Vários estudos, embora tratem de assuntos diversos com crianças e adolescentes relatam a questão da violência. Destaco alguns aqui: Carinhonha (2009) e Medeiros (2007) que vão focar na violência contra mulheres e adolescentes em situação de rua. Cf. Também Silva (2005) e Paludo e Koller (2008) que ampliam a violência nas ruas tanto para a possibilidade concreta dos danos físicos, como para seus significados simbólicos de exclusão social. Já outros estudos abordam a violência estrutural do Estado e fazem a relação entre extrema pobreza e violência (ARPINI et al., 2010; NOGUEIRA & BELLINI, 2006; MEDEIROS, 2001).

²³ Cf. nota 19.

²⁴ Educação para Arendt é a forma como os adultos apresentam o mundo para as crianças, esta tem que acontecer sempre de forma gradativa e com responsabilidade para que as crianças não sejam tomadas por adultos precocemente. Falamos aqui da educação que está implicada na conservação do mundo e na autoridade do adulto que repassa a tradição ao recém-chegado ao mundo. Nesta perspectiva educar sugere inserir os mais novos no funcionamento de um mundo onde eles vão ser uma novidade; embora o mundo não seja novo por todo o tempo, posto que todas as pessoas antes deles já foram novidades algum dia, mas também foram as que ajudaram a construir esse mundo. Ainda cabe ressaltar que a educação está para as crianças como a política está para os adultos, visto que crianças são introduzidas no mundo, já os adultos administram esse mesmo mundo. "Ora, a educação não pode desempenhar nenhum papel na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados. Quem quer que queira educar adultos na realidade pretende agir como guardião e impedi-los de atividade política" (ARENDT, 1997, p. 225).

para com elas, já que a felicidade pública não mais importa? Ou seja, só o bem individual (esfera privada)²⁵ ocupa espaço neste mundo.

Como nos lembra Arendt, “A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros, contudo, evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer” (ARENDT, 1999, p. 62). Na esfera pública os homens participam da política que tem por fim último a libertação das necessidades da vida. No entanto, destituídos do amor ao mundo os homens burocratizaram as relações a níveis mercadológicos e assim uns se dizem livres em detrimento dos que não podem participar da vida pública (ARENDT, 1988).

A concretude de vida das famílias que estão com seus filhos e filhas em situação de rua, ocupadas com as urgências da pobreza, faz com que na maioria das vezes estas possam apenas torcer para que as crianças não percam suas vidas precocemente.

As crianças e adolescentes, na ausência de quem as cuidem, facilmente entendem que o ambiente hostil em que vivem é a única saída para as suas vidas. Quase que invariavelmente é fácil escutar dos meninos e meninas que eles (as) não podem fazer uma coisa ou outra porque nas ruas ninguém confia neles (as) ou que eles (as) vão fazer algum mal a alguém. Segue a narrativa de um dos encontros:

A gente ainda se espanta com as ideias desses meninos. Ele²⁶ ainda disse que se ela (uma moça que o menino viu na praia e disse que se tivesse dinheiro a compraria) não quisesse ficar com ele, mataria a moça. Um discurso bem cruel, que oscila entre ter alguém próxima de si – mesmo que no caso dele se remeta só ao sexo – e entre chegar a matar a mulher pelo fato de ela ser propriedade dele. Grifos posteriores ao relato do encontro (Relato do dia 05.12).

Ao se deparar com um terreno tão hostil, estes meninos (as) precisam criar defesas para poder dar conta das suas vidas condicionadas pelas dores físicas e

²⁵ Segundo Arendt (1999) a esfera privada coexiste com a esfera pública, sendo que ambas vêm se transformando ao longo dos tempos; a primeira perdeu o seu caráter de propriedade individual, lugar onde o lar era estabelecido, e embora houvesse certa hierarquia, era para onde os adultos regressavam após sua participação no espaço público; enquanto a esfera pública tem se transformado no local onde a força dos negócios financeiros têm sobreposto a ideia de negociação entre os pares para a preservação da vida comum. Não se trata de um espaço representativo onde se decide em vistas da maioria, e sim onde se decide em função do bem comum, mesmo que para isso alguns deixem de ser beneficiados. Mas o que temos visto, é o que a própria Arendt via a sua época: “A privação da privacidade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer, e portanto [sic] é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros” (p. 68).

²⁶ Este menino é o mesmo que vai dizer que a sua vida é um inferno mais à frente, em certos momentos parece ter raiva do mundo

emocionais, se forjam na violência. “Para sobreviver, tem que robustecer a pele, a mente, a emocionalidade” (FREIRE, 1989, p. 28). Num dos encontros que propunha que os meninos desenhasssem algo que remetesse a uma brincadeira que gostavam de fazer em casa, segue o relato:

Novos Rumos termina o seu desenho e diz que é ele “metendo bala”, diz que é ele metendo bala nas inimigas. Pergunto se essa é a diversão dele. Ele fala que foi a primeira coisa a vir na sua cabeça, diz que ficaria muito feliz porque seria a primeira vez que pegaria em uma arma. Insisto por quê? Ele diz que foi porque a travesti deu uma facada em sua mão (Relato do dia 20.12).

Além da reprodução falada daquilo que vivenciam, os meninos (as) também falam da violência sofrida: “Consciência Negra relata que a mãe de seu companheiro bateu nela” (Relato do dia 20.11). E ainda:

[...] a menina havia sido espancada por seu atual companheiro. [...] Consciência Negra estava além de muito machucada com o olho roxo, recebia uns medicamentos em sua costa e cabeça, quando perguntei o que foi, ela disse que havia se envolvido em uma briga e que a outra mulher havia lhe furado com uma faca (Diário de bordo 18.12).

Arendt (1997) aponta que o fato de crianças serem vistas como adultas, com capacidade de viver em público quando ainda necessitam da esfera privada do lar, se constitui em um abandono, pois ainda estão num momento onde viver e crescer são mais importantes do que decidirem quem são e de poderem decidir os destinos do mundo; “[...] pedem, por natureza, a segurança do ocultamento para que não haja distúrbios em seu amadurecimento” (p. 238).

Esta sobrecarga nas crianças é reflexo da condição criada por nós para podermos dar conta da urgência em que nos habituamos a viver. Ou seja, o fenômeno de crianças e adolescentes em situação de rua sempre violentadas; vítimas da falta de cuidados básicos torna corresponsável cada pessoa que impetra a violência contra elas, sejam as mais próximas ou as mais distantes. Referindo mais uma vez a autora: “[...] os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças.” (ARENDT, 1997, p. 240).

Desta feita, as crianças e adolescentes em situação de rua são vistas como indignas do amor do mundo, pois não são nem adultas para poderem participar da vida pública e nem são consideradas crianças para estarem na proteção da vida privada do lar. Logo, pode surgir a iniciativa de as aniquilarem, pois são um perigo constante para quem não acredita no mundo, e são violentadas porque quem não acredita no amor ao mundo também não acredita em crianças, só pode pensar em tirar delas

algum proveito. Neste caso é importante diferir entre o afeto que se tem pelos seus entes queridos, filhos, sobrinho e netos, do amor que se tem pelas crianças, que como se diz no ditado: “são o futuro da nação”.

6.3 Ilhas de proteção

As ilhas de proteção seriam as instituições ou iniciativas pontuais como uma pessoa de referência na família e/ou um educador mais próximo que ajuda as crianças e os adolescentes a se secarem do mundo alagado em que estão ora nadando para sobreviver, sem nenhuma condição para isso, e ora imersos sem possibilidade alguma de saída por força própria. Estas ilhas são locais onde se sentem seguros (as), pois essa é a causa de existir destas ilhas²⁷.

E são destes locais seguros que vem a possibilidade de ser feito algo significativo pelos meninos; no aguaceiro que é a rua, não é possível secar ninguém, pois estão dentro da violação em si. É preciso que haja ilhas de proteção para que em momento oportuno o menino e a menina queiram se sentir secos/seguros e possam ficar à vontade para experienciar a sua infância e posterior juventude. Eis o relato de como um educador pode ser ilha de proteção para um adolescente.:

Axé já o conhece desde muito pequeno, quando tinha menos de dez anos ele já esteve mais assíduo no projeto da instituição Vidas, tendo esse contato mais antigo com o adolescente o educador conseguiu fazer com que ele jogasse bola, corresse na praia e tomasse banho de mar, algo que eu e Educadora²⁸ já havíamos tentado fazer com ele. [...] Axé simplesmente chamou os meninos para correr na areia e Cantor foi, para além de um exercício, aquilo era um quebra gelo, uma brincadeira para os meninos, principalmente Cantor, ficarem mais à vontade em um ambiente sem qualquer tipo de barreira física, afinal estávamos numa praia e nesta parte a orla era bem larga (Diário de bordo 05.12).

Pelo fato de se sentirem protegidos e conseguirem ficar à vontade, estes meninos e meninas podem lembrar de experiências mais próximas do carinho, característica peculiar de momentos de cuidado na infância. Num dos encontros, uma das meninas brinca com seu colega. Eis o meu relato: “O clima está tão tranquilo que em um momento uma das meninas faz referência à ‘velha cachimbeira’, personagem de

²⁷ Os espaços protegidos são frequentemente referidos por crianças e adolescentes como um lugar primordial em suas vidas cf. Santana (2005).

²⁸ Axé é um educador que contribuiu com todo o processo, ele é um dos diretores da Vidas e Educadora é a educadora social que me acompanhou durante todo o processo com os meninos.

uma brincadeira com crianças pequenas”. A menção é a uma canção cantada para crianças pequenas, a música é simples e fala da simplicidade da vida:

*“Gata pintada
Quem foi que te pintou
Foi a velha cachimbeira
Que por aqui passou
Era tempo de areia
Fazia poeira
Pega lagarta
Nessa orelha”*

Esta canção pode não parecer de grande importância, por falar talvez de uma lembrança remota de uma criança, mas a relevância dela está em outro fato, o de que as meninas e meninos sempre fazem referências a músicas que estão no cotidiano das ruas e que geralmente trazem uma mensagem de violência ou de sexualização dos corpos. Logo, ao lembrar de uma canção infantil que remete ao cuidado, num momento de tranquilidade disponível numa instituição que se propõe a isto, consigo perceber que aquele momento é a estadia em uma Ilha de proteção.

A lembrança citada acima alude aos momentos onde a criança, hoje adolescente, experienciou a proteção do lar; a lembrança da narração contida numa história cantada faz paralelo com o que Benjamin diz das narrativas. Para ele estas são parte da tradição oral passada de geração a geração revestidas de sentido. Ou seja, uma pessoa adulta não narra uma história para uma criança sem que haja um mínimo de afeto e compromisso envolvidos. “O adulto, ao narrar uma experiência, alivia seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez no início” (BENJAMIN, 2002, p. 101). A mim soa como um passado mágico, lugar de descoberta onde a infância pode ser convidada a contribuir para novos significados de proteção para a vida.

Estar no espaço de proteção com os adultos por perto, que eles são sabedores de que dedicarão cuidados, se mostra confortante, embora eles briguem e brinquem de forma mais pesada como fazem nas ruas. A presença dos educadores na instituição garante esse mínimo de segurança e de bem-estar. A ilha de proteção é bem mais do que um simples lugar onde se possa passar um momento, é também um lugar

onde se busca experimentar o cuidado. Num dos diários trago minha impressão sobre uma atividade que acontecera antes do meu momento com os meninos; nesta atividade fui convidado a fazer os registros de uma oficina de jardinagem e ao refletir sobre o que os meninos e meninas fizeram com as plantas e a terra me ocorreu que elas e eles não estavam tão entusiasmados em fazer aquele canteiro que por fim surgiu. Sobre aquele momento ser mais do que aquilo que o olhar desatento não poderia ver:

Fiquei pensando em como um jardim dialogava com a realidade dos meninos na rua. Em que momento entender o preparo de um jardim fazia parte do cotidiano dos meninos? Agora, aqui, escrevendo, penso que pode ter a ver com o cuidado que é inerente à vida de qualquer ser vivo, plantar e depois poder ver que a planta ainda está lá viva, pode ser um legado de vida. No entanto a impressão que tenho é que os meninos iriam fazer qualquer atividade, pois estavam focados em ter o espaço do café da manhã e do almoço e depois do lugar de cuidado que é a instituição, não necessariamente nesta ordem. (Diário de bordo 27.11).

Durante os encontros com os meninos tive a impressão de que, se deixássemos, os meninos dormiriam a manhã toda depois de comer. É que na verdade eles estavam em um ambiente seguro para dormir. Ali poderiam descansar e sabem que não vai haver perigo algum – é sabido que às vezes eles passam noites e noites sem dormir direito por causa do perigo noturno que existe na rua. Ou seja, não é só pelo cansaço, mas principalmente por que estão protegidos; não acordam no susto, assim como em algumas vezes se espantam ao serem acordados por uma equipe na rua, mesmo porque foram dormir sem medo de que algo pudesse acontecer. Afinal são apenas adolescentes a dormir em plena manhã de um dia qualquer, algo corriqueiro demais; em se tratando destes o fato de estarem alimentados e em segurança faz toda a diferença, já que nem sempre é assim.

Segue trecho retirado de um diário de bordo:

Penso que para eles, quanto mais próximo estão mesmo de alguém de confiança, das pessoas que cuidam, eles ficam mais à vontade. Então conseguem relaxar, ficam na calma, na escuridão, no lugarzinho onde tem pessoas que não vão deixar que coisas ruins aconteçam (Diário de bordo 20.12).

Um dos encontros foi realizado na praia e lá um dos meninos quando fala de como era a sua ida para a instituição Vidas, “Lembra com alegria do tempo que ia ao sítio para brincar, diz que gostava de ficar no rio” (Diário de Bordo 05.12). Aqui se trata de ele lembrar como é a instituição para ele, que lugar ocupa este espaço em sua vida.

Ainda nesse dia da praia tive a oportunidade de falar com os meninos sobre como era brincar na rua e em casa, outra criança fala de como na brincadeira de pique esconde ele sempre levava desvantagem. No entanto já havíamos mudado de assunto e já estávamos nos organizando para voltar, até aí tudo bem, mas ele queria poder falar para nós como foi a sua experiência com a brincadeira, ele estava num ambiente que imita a intimidade do lar, e nós éramos os responsáveis pela sua educação e apresentação ao mundo naquele momento. Então eu compreendi aquela insistência em falar assim:

[...] tal qual aquela da criança que quer ser escutada no meio dos adultos, e ele faz questão de levantar a voz e dizer o que pensa do assunto. É uma afirmação da criança, diz: eu estou aqui, eu sei participar dessa conversa de vocês. Todos nós rimos com ele. Não existe outra referência que não seja a de pessoas adultas se alegrando com as peripécias dos pequenos que estão entrando nas discussões e nesse caso com bastante propriedade, pois estamos falando de brincar e disso eles entendem (Relato do dia 05.12).

Desta discussão na praia os meninos ainda pontuaram que era comum brincar na rua, sobretudo dois irmãos que estão juntamente com os seus pais há bastante tempo sem abrigo algum, mas deixaram claro que na instituição a brincadeira é mais tranquila. O cuidado que se encontra numa Ilha de proteção se refere aos únicos lugares onde esses meninos (as) se sentem seguros e vistos como pessoas que devem ser preservadas.

Mas talvez o exemplo que mais ilustre a busca por ilhas de proteção e a importância de sua existência, seja a de uma adolescente que em uma manhã na Vidas vai à instituição depois de ter o filho. Foi o primeiro lugar que ela foi assim que saiu da maternidade “[...] ela ainda estava com a pulseira da maternidade [...]”. O que levaria uma adolescente ao ter alta, após ter um filho, a procurar uma instituição para poder tomar um banho e um café? Recorrer ao espaço e às pessoas que estão ali para partilhar o amor ao mundo e não ir primeiramente na casa de sua família, mesmo que fosse para pedir ajuda em um momento que aspira cuidado, diz de como os lugares para crianças devem ser bem mais do que apenas um espaço de garantia de direitos, e sim um lugar revestido de segurança e de cuidado. Só assim, sob a proteção advinda da “privacidade”, as crianças e adolescentes vão poder cuidar das suas feridas para depois ter esperança para começar algo novo.

Diferente da esfera pré-política da escola (CARVALHO, 2015), a instituição não assume lugar de transitoriedade entre a vida privada do lar e a vida pública, parece

mais remeter ao espaço privado do lar. Para Arendt (1997) a escola é o ambiente transitório onde a criança vai sendo ensinada a participar da vida pública, alternando sua preservação privada no lar com a sua entrada gradativa na esfera política onde só os adultos podem e devem participar. Nos lugares como Vidas as crianças encontram segurança, diferente do mundo a que foram expostas muito precocemente, mas jamais protegidas tal como posto por Arendt.

Concomitantemente à pesquisa do mestrado, estive como agente de campo em uma pesquisa nacional da CNER²⁹ que visa levantar as especificidades de crianças e adolescentes em situação de rua e dos serviços ofertados a estes. E aqui lanço mão daquela experiência prévia onde entrevistei alguns destes (as) meninos (as) que também participaram desta investigação interventiva. Os participantes das entrevistas na pesquisa da CNER, em vários momentos, se referem às instituições onde estão sendo atendidos (as) como sendo um lugar de proteção e de cuidado, que para além de suprirem alguma falta material também ajudam nos seus desenvolvimentos como pessoas sob a ótica da proteção. Assim, foi comum escutar daqueles meninos e meninas que naqueles espaços, geralmente nas casas de acolhimento, se sentiam bem, pois eram cuidados (as), protegidos (as) e ainda, que existiam ali pessoas que gostavam deles ou delas. Esta experiência faz eco sobre a necessidade das ilhas que protegem.

6.4 A brincadeira na rua: o lúdico e o perigo.

Mais uma vez surge essa brincadeira com a morte, quase que um flerte com a violência, mas sem dúvida uma possibilidade concreta de algo que pode acontecer com eles, assim como acontece com alguma frequência nas comunidades onde elas e eles moram e como na crueza e falta de proteção da rua.

(Relato de entrevista com Gata Pintada, dia 18 de dezembro)

²⁹ Trata-se aqui da pesquisa Conhecer para cuidar realizada pela Campanha Nacional Criança Não é de Rua (CNER) em parceria com o Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CI-ESPI), que visa fazer um levantamento das condições de crianças e adolescentes em situação de rua e dos serviços que os atendem o público. A pesquisa aconteceu em 17 cidades do Brasil com mais de um milhão de habitantes e Recife foi uma das cidades participantes, onde eu fui o agente de campo.

Percebo que a brincadeira começa a despontar como uma das condições mais potentes nos meninos e meninas, o fato de se permitirem vivenciar a infância quando é possível. O brincar sempre foi uma boa alternativa para chegarmos mais perto dos meninos (as), afinal, o lúdico é a força motriz do trabalho com crianças em instituições que trabalham com o público em situação de rua.

No entanto, essa brincadeira, quando ocorre na rua, mistura a aventura com o perigo, e aqui não se trata do perigo de cair de um lugar mais alto ou de pegar um resfriado porque está chovendo, por exemplo, mas do perigo que leva a um risco de vida concreto. Assim, é comum observar os meninos na rua pegando “bigú” em ônibus (se pendurarem no ônibus), tomando banho nos rios poluídos da cidade, correndo entre os carros nas avenidas, entre outros aspectos. Segue um relato feito por um dos meninos durante um encontro onde eram mostradas fotos³⁰ de locais do Recife. Ilustro esse flerte do lúdico com o perigo:

Seguimos com as fotos até chegarmos a foto do Hospital da Restauração, pois nesse momento Atleta nos contou uma história digna de um verdadeiro conto fantástico. Nos disse que haviam, ele e Escola, roubado um cavalo e depois de terem escapado dos donos desse cavalo acabaram sofrendo um acidente, o qual os levou a ir parar no Hospital em questão; isso desdobrou em um acolhimento institucional, pois foi a polícia que os levou ao hospital após o acidente e eles não quiseram dizer onde moravam com medo de serem repreendidos pelos seus pais (Relato do dia 27.11).

Esta exposição contínua ao perigo faz com que esses meninos se sintam menos suscetíveis aos medos do que uma criança que tem uma rede de proteção mais efetiva. Esse é o momento crítico do trabalho com os meninos: mexer nas possibilidades reais de mudança e riscos que eles enfrentam, trazê-los para a realidade dura em que vivem e que na maioria das vezes precisam dar-se conta do “cuidado” com as suas próprias vidas. Claro que isso não é o apropriado, mas dentro do que se pode fazer naquela hora, é uma intervenção possível, visto que carecemos de espaços protegidos, é preciso criar com eles estratégias de cuidado.

³⁰ O fato de os meninos conhecerem todas as fotos neste dia já remete a riscos, pois como eles estavam familiarizados com os locais das fotos já denunciava que andavam por toda a parte da cidade, até aí tudo bem, mas o problema está em estarem sem a supervisão de qualquer pessoa adulta.

Ainda na constelação da brincadeira existe uma outra parte nociva correspondente às drogas³¹, com um destaque para a cola³². Todos os adolescentes que participaram da entrevista reflexiva citaram o uso de drogas para exemplificar o que era bom de fazer na rua. Aliás, parece que apenas essa era a parte boa das ruas em suas falas. A entrevista foi feita dias antes do Natal e este não foi esquecido pelas crianças, mas infelizmente do seguinte modo:

Mais uma vez eu pergunto a ele: Como é a vida de Atleta, o que Atleta faz? Diz que cheira cola e dorme na rua de vez em quando e que gosta de jogar futebol, diz que cheira cola na rua e em casa, em todo canto. Quando pergunto ele diz que cheirar cola é bom, assim como ficar na rua. [...] O adolescente continua dizendo que no Natal vai cheirar cola e outras drogas, inclusive o crack, pergunto se é isso que ele faz na rua, mas ele retruca que não dá tiro na lata (fuma crack), mas ratifica as outras drogas (Relato da Entrevista reflexiva, dia 18.12).

As cenas de abuso de drogas na rua são um signo do grupo da nossa investigação. Todos os participantes utilizam drogas, seja o tabaco, cola ou maconha, com exceção de Pique Esconde, ele foi o único que nunca vi usando nada nas minhas andanças pela rua. Cabe ressaltar que em outra pesquisa³³ paralela a esta eu tratei de vários temas com os meninos e meninas, dentre eles a utilização de drogas. Em ambas as investigações, as falas dos meninos e das meninas quase sempre se referiram às drogas como algo rotineiro aparecendo com muita frequência nos nossos diálogos. Segue o relato de um encontro no Vidas onde eu perguntava sobre como era a brincadeira na rua:

Novos Rumos responde à pergunta do que ele gosta de brincar na rua. Ele diz que é cheirar cola na rua da Aurora [...] Eu pergunto se dá para fazer isso na rua todo dia. Novos Rumos diz que sim, inclusive nessa hora lembra que esqueceu o seu dinheiro na bermuda no banheiro e diz que quer ir lá, pois o dinheiro é para comprar a “norca” (abreviação de Norcola, termo que eles sempre usam), dissemos que ele se acalme que ninguém iria pegar o seu dinheiro e ele simplesmente fica conosco na sala. [...] disse que gostava de outras coisas, mas gostava mais de cheirar cola (Relato do dia 11.12).

Facilmente a brincadeira no espaço lúdico do aprendizado, tratado por grandes nomes do desenvolvimento infantil como sendo preparação, ensaio, aprendizagem

³¹ O abuso das drogas é um fator de risco que potencializa a vulnerabilidade destes meninos e meninas cf. Arpini e Gonçalves (2011).

³² Cf. nota 5.

³³ Cf. nota 29.

para a vida adulta, quando aviltada pela violência das ruas pode ser confundida com a nocividade do abuso de drogas.

A alteração da percepção da realidade pode adquirir um caráter lúdico, com a vivência de momentos mágicos, sensações de poder e/ou euforia. Ao aliviar o enfrentamento da realidade, o uso de drogas também pode representar uma forma paradoxal de preservação mental. Essas funções se somam ao potencial reforçador das drogas. (NOTO *et, al*, 2003, p.32).

A pesquisa realizada por Noto *et, al*. (op. cit.), aponta que o uso das drogas nas ruas foi tematizado pelas crianças e adolescentes de diferentes formas. O caráter lúdico, a desinibição e a coragem decorrentes do abuso se associam aos relatos da droga como forma de esquecer tristeza, fome e frio e de se sentirem pertencente ao grupo.

O uso de drogas por crianças e adolescentes nos remete a reflexão de Arendt sobre a possibilidade de autogestão nessa faixa etária. Arendt (1997) ressalta que a crise na educação está vinculada ao fato de os adultos retirarem de si a responsabilidade para com a infância, relegando às crianças um mundo que deve ser administrado por elas próprias, as regras são impostas pelo próprio grupo de crianças e assim decidirão o que julgarem melhor para si. No entanto, as crianças não podem ser soltas no mundo, elas necessitam da autoridade dos adultos, pois assim, até mesmo a brincadeira, algo tão potente na criança, pode vir a ser algo prejudicial. Segundo a autora:

A autoridade que diz às crianças individualmente o que fazer e o que não fazer repousa no próprio grupo de crianças - e isso, entre outras consequências, gera uma situação em que o adulto se acha impotente ante a criança individual e sem contato com ela. Ele apenas pode dizer-lhe que faça aquilo que lhe agrada e depois evitar que o pior aconteça. As relações reais e normais entre crianças e adultos, emergentes do fato de que pessoas de todas as idades se encontram sempre simultaneamente reunidas no mundo, são assim suspensas (ARENDT, 1997, p. 230).

Nesse sentido, o adulto abre mão de sua condição de quem possui um saber maior sobre o mundo e sobre os seus perigos. Se abstendo de assumir seu papel de autoridade diante da criança, colocando-a em risco. A reflexão de Arendt sobre a questão central da educação que é à apresentação do mundo para a criança aparece de modo diferenciado no caso do grupo investigado nessa pesquisa. Num país onde esses meninos e meninas não são vistos como crianças ou adolescentes esse cuidado é inexistente. As poucas ilhas de proteção existentes para esses meninos e meninas não são suficientes para assegurar que a droga não seja mais um perigo para esta faixa etária.

A utilização das substâncias psicoativas, como sabido por todo mundo, pode tomar proporções gigantescas na vida de uma pessoa, não é diferente com crianças e adolescentes, assim era comum eu sair dos encontros, e caminhando pelas ruas encontrar os meninos já entorpecidos ou mesmo encontrar algum que não foi à instituição por estar muito debilitado. Lidar com essa realidade cotidianamente requer compromisso com o mundo, com cada infância de cada menino e menina, mas por várias vezes o coração apertou, a voz embargou e o choro foi inevitável.

6.5 Em algum momento vai se chorar por isso

Conhecer a realidade destes participantes é uma vantagem que me permite dialogar sobre algumas questões. Se por um lado conhecer como os meninos se movimentam nas ruas de Recife me ajudou no campo a adaptar as estratégias e saber o limite entre o que era pesquisa e o que era intervenção profissional, a dureza da rua, as histórias e relatos de crueza que sempre escuto ou presencio, acabam afetando toda a trajetória, afinal lidar com esses meninos e meninas é meu trabalho cotidiano. Para ilustrar como se dá esta aproximação trago este comentário dentro de um dos relatos dos encontros: “Naquela hora estávamos todos falando com alegria das brincadeiras”:

[...] esse momento é sempre espontâneo na rua, vez ou outra, saímos do foco, tanto os meninos quanto os educadores, não adianta a rigidez, ela só afasta os meninos de nós mesmos, ali somos como que pessoas que cuidam uma das outras. Os educadores são referências para as crianças, daí a importância de estar num registro próximo deles, colocando-se junto para poder conseguir avançar em algo. Isso acontece o tempo todo (Relato do dia 05.12, vide a seção 6 Os encontros, os diários e as entrevistas).

Num dos diários escrevo sobre como se dá a relação de confiança que, neste caso, já havia construído com algumas famílias por causa do meu trabalho e sobre o olhar mais apurado que tal tipo de contato pode propiciar. A experiência:

[...] ao mesmo tempo parte de um olhar mais apurado, aquele que não precisa perguntar para saber como as pessoas estão organizadas, mas que aprendeu a observar com cuidado a vida das pessoas e a outra parte é a de se deixar estar por completo na situação. É como foi, ter chegado da rua e aceitar sentar no sofá, que eu sei é a cama dos meninos, e não me sentir tão estranho por isso, não que eu quisesse sentar na cama, mas eu não iria impor nada na casa de uma pessoa que me recebia como se eu fosse um de seus vizinhos (Diário de bordo 17.10).

No entanto, penso que se eu deixar de me indignar com a injustiça que leva violência à crianças e adolescentes em situação de rua, não só não poderei pesquisar sobre estes que emprestaram suas histórias, como também não poderei mais chegar perto deles na rua para trabalhar e tentar construir com eles e elas possibilidades de saída das ruas.

Durante os encontros tive que lidar com algumas dessas situações difíceis de tragar, porque são sobre adolescentes violentadas (os). Nestes momentos a dor vem, mas é contornada por causa da urgência de pensar um melhor caminho para o menino ou menina que está passando pela situação ou mesmo procurar um caminho que atenua a violação. Na hora é preciso agir, lançar mão da experiência que tenho com esse público, com as instituições parceiras, com o SGD; mesmo que depois tenha que elaborar constantemente a dor da constatação de que ali tem um menino ou uma menina que não poderia estar passando por tamanha violação.

De uns tempos para cá tenho dito: “em algum momento se vai chorar por isso”. E é o que ocorre. Não que chorar vá aliviar angústias, e mesmo que o choro não seja vertido em lágrimas, a pessoa chora, pois aqueles e aquelas que lutam pela mudança destas vidas violentadas – claro que não só as violentadas nas ruas – levam consigo a esperança da dignidade impregnada em suas ações. Mas, quando ela é muito maculada só resta a tristeza. Reconhecer não é o mesmo que perder a esperança, mas é não permitir resignar-se diante do que está posto.

Durante um dos encontros chegou à notícia que um dos jovens que havia passado mais cedo pela instituição havia sido esfaqueado. Meu diário sobre este momento:

Sinto um pouco, eu não naturalizo. Mas, consigo lidar com isso sem me espantar tanto. O fato de um rapaz que estávamos junto poder ter sido esfaqueado poderia ter sido uma possibilidade concreta, mas não me afetou tanto porque eu sabia que era possível isso acontecer. Como que eu posso dizer isto sem desestabilizar, sem perder o meu eixo? Talvez por saber que me abalar ali, não iria adiantar nada para mim como pessoa, e como profissional não poderia também por causa dos outros meninos. Se abalar, se afetar demasiadamente com isso não é produtivo porque tem outros meninos que estão precisando de ajuda, de cuidado, de atenção. Não sei, é muito difícil porque... minha voz embarga a palavra fica presa... e eu choro. Parece que a gente precisa se acostumar com essa situação, para poder trabalhar, não é fácil, a gente tem que seguir e lembrar dos meninos que já se foram... choro tanto, sinto muita dor, lembro de Fabio Moura, de 9 anos, e de Fabio Galdino que conheci no sítio e que nutri sempre um carinho por ele, que também foi morto esse ano... Pela memória deles a gente não pode ficar sofrendo tanto, a gente não pode deixar aquela morte parar o trabalho da gente, não pode se dar ao luxo da folga, pelo contrário. (Diário de Bordo 20.11)

A reflexão é que existe uma diferença entre naturalizar a violência contra esses meninos e não se abalar tanto, pois ao passo que sabemos que coisas do tipo são totalmente possíveis para esse público, nos ajuda a compreender um pouco mais a realidade que eles e eu temos para enfrentar. Não com pouco sofrimento, mas porque engajado em transformar a realidade e a vida que precisa ser cuidada desses meninos e meninas, para que, no sentido arendtiano, o “mundo” possa ser “apresentado” minimamente a eles e elas, é preciso se revestir de esperança no mundo. Daquela esperança que Paulo Freire transformou no verbo esperar, onde não posso ser passivo e apenas aguardar que a vida se transforme para quem precisa, mas aquela que alia prática e reflexão num exercício que se retroalimenta e ajuda a entender a realidade concreta da vida dessas pessoas que ainda estão num processo de devir humano. Como nos deixou Freire (1987): “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (p.83).

Segue o relato de um crime que ocorreu meses antes da pesquisa, mas que tem servido como um ponto de reflexão sobre a pesquisa, meu trabalho e militância (Diário pessoal):

No mesmo instante que a música "Canteiros" de Raimundo Fagner iniciou no fone de ouvido, não resisti, chorei o resto da viagem de volta para casa...

Estava eu voltando de ônibus para casa, mas o dia de ontem tinha uma tristeza a mais, tinha uma indignação maior ainda. Como poderia ser que um menino de nove anos teria partido numa jornada tão precoce? Essa era minha pergunta, e mais: por que eu não consegui impedir que ele fosse assassinado? Como pode a gente admitir que um menino de nove anos esteja perambulando pelas ruas da cidade, sofrendo todo o infortúnio, todas as violências, ao ponto de ser assassinado? A dor é tanto pela tristeza da violência, quanto pela omissão que nos acomodamos a prestar aos meninos em situação de rua.

Daí fazer desse momento de luto, um momento de luta para mim é um imperativo... A vocês liberais desonestos, a vocês religiosos da direita alienada, a vocês militantes fajutos, a vocês intelectuais da burguesia, a vocês defensores dos direitos humanos midiáticos... Onde está a ideologia nesta hora?

"Mas nada do que me dizem me faz sentir alegria [...]"

...Continua a música de Fagner em minha cabeça de pseudo garantidor de direitos humanos dos pequenos. Eu sei, esperei que ele fosse morto; mas se isso puder me servir de consolo, eu posso bradar como toda a certeza que: VOCÊS também esperaram comigo, esperaram tanto que nem sabiam que um menino de nove anos foi esfaqueado e sentiu sangrar sua vida num sábado qualquer no Bairro de São José, no Recife. Só não culpo "aqueles" que nunca viram, que nunca repararam, que não sabem que existem meninos e meninas que vivem nas ruas de Recife. "Estes não tem culpa alguma" - pois vivem num universo paralelo - desde que não se mexa em seu angu.

"E deixemos de coisa, cuidemos da vida

Pois senão chega a morte

Ou coisa parecida

E nos arrasta moço

Sem ter visto a vida"

Faço-vos um convite: vamos esperar mais um pouco, tomemos uma cerveja e matem uma galinha gorda!

6.6 Minha vida é um inferno³⁴

A desesperança³⁵ que aparece em duas das meninas participantes Gata Pintada e Consciência Negra é o oposto do esperar em Paulo Freire, é resignação. Parece que na medida que os meninos e meninas vão ficando mais velhos a

³⁴ As condições extremamente adversas de crianças e adolescentes em situação de rua pode ser vista, retratada em quase todos os estudos até aqui apresentado. E o contexto que expõe ao sofrimento este público se refere a pontos cruciais de suas histórias de vida, geralmente vitimadas pela falta de proteção (BARROS, et al., 2009; PALUDO & KOLLER, 2008; YUNES, et al., 2001).

³⁵ Em **Pedagogia da Esperança**, Freire (1992) reflete sobre a esperança e sua contribuição para a educação evidenciando o caráter político do processo educativo na possibilidade de transformação da realidade. A esperança assume em Freire o papel principal que permite a reflexão crítica da realidade para a mudança concreta da realidade, desta forma a desesperança é a incapacidade de resistir à opressão e, por conseguinte, a impossibilidade de recriar o mundo.

esperança vai desaparecendo, então parece que o mundo perde o brilho, deixa de se ter vontade de sonhar com ele. Estas meninas estão quase como que doentes da vontade, pois não esperam que algo possa mudar, sabem que estão mais velhas e que daqui em diante a coisa tende a ficar mais difícil. Segundo Arendt (1993) quando a vida está infeliz demais ela perde a capacidade da esperança que é justamente a projeção do futuro, e sem esperança não existe vontade. Penso que estas meninas pelo fato de não serem mais tão pequenas já começam a perceber que as poucas pessoas que antes as olhavam com certo enternecimento, já não se sensibilizam e podem até se sentirem ameaçadas por sua presença.

Consciência Negra já é uma adolescente de 17 anos, tem muito tempo na rua é muito experiente com essa vivência crua. Segue relato de um diário, este é sobre o dia em que o seu companheiro a agrediu na Vidas:

Mas percebi ela muito triste com a situação - sabe, mesmo que ela xingue e possa ir as vias de fato com ele ou com qualquer outra pessoa, mas ela estava como os meninos dizem “de boas”, não se alterou para ficar com raiva, apenas estava triste -, então vez ou outra ela perguntava por ele (Diário de bordo 20.11).

Consciência Negra está resignada, sabe que pode de fato morrer ou matar, tanto por causa da relação violenta com seu companheiro como pela disputa com algum desafeto ou ainda no cumprimento de uma medida socioeducativa. A morte parece rondar a vida das meninas e meninos, mas só com uma certa “courage” na rua se consegue perceber que este perigo é real e não é uma aventura que possa passar sem fazer embotar a paz de ninguém. Esta minha impressão das violências sofridas por Consciência Negra se refere a uma condição de vida desta menina e que reflete as várias outras vidas; não se trata aqui apenas do que discutimos no início das constelações, não é só a violência que pode de fato lhe tirar a vida, mas da violação que lhe acua diante da vida e macula a sua vontade.

Vide diário de bordo do dia da entrevista da qual Consciência Negra não participou, mas estive na instituição em busca de cuidados:

A menina está sem esperança alguma, nada parece poder se ajeitar em sua vida. Fala que não quer mais ficar com esse companheiro, mas que não tem jeito, pois ela está ficando direto pela rua e ele sempre a encontra e quer ficar com ela e se ela tiver dinheiro ele acaba levando, não sem muita luta dela, mas é o que acaba a machucando e o que me levou a dizer para ela que dessa forma ela vai findar morrendo. Ela falou em fugir dele, ficar um pouco distante dos lugares que ele a acha mais facilmente. Além disso ela ainda sofre com o preconceito dos outros na rua, pois dizem que ela gosta disso, sendo que ela justifica que não tem o que fazer “Se eu for para o inferno ele vai atrás de mim”. Ver e escutar a dor e o “medo” desta menina, é sem parâmetros,

não tem como não pensar no pior, saber que a qualquer hora ela pode não mais amanhecer. Em Consciência Negra eu vejo mais uma vez algo muito diferente, parece que ela não tem mais medo do perigo, é como se já estivesse estado tão perto da morte e com tanta violência em sua vida que ela não tem mais medo, mas sim resignação. O paralelo que faço, a mim é o único possível, é o da quase certeza de que a morte está mais próxima do que longe, não há esperança; tal qual as pessoas cativas nos campos de concentração nazistas; chega um momento que apenas sobrevivem, apenas reagem à pulsação que há na vida. Ela está triste, mas não com medo, evita o companheiro temendo a violência, mas se pudesse ela o enfrentava de igual para igual, destemida e como se não tivesse nada a perder, nem sua criança; e como não pode, pois ainda teme a internação, anda triste. A propósito, Consciência Negra é uma menina linda, bem cuidada, pele vistosa. Mas cheia de cicatrizes pelo corpo, alguns de automutilação (aparentemente) e outros, provavelmente de violências sofridas e de possíveis acidentes (Diário de bordo 18.12).

Segue o relato da entrevista de Gata Pintada:

Pergunto se ela consegue ver alguma diferença entre estar na instituição e estar na rua. Ela para um pouco e fica pensativa, diz que sente diferença, pois na rua “os outros” é maltratado e xingado e aqui “os outros” (ou seja, ela e os demais) são bem tratados, assim como em casa, mas na rua sofrem violência, são xingados e são roubados. Fala com pesar dessa situação que sofrem na rua, o semblante se enche de tristeza, como se fosse inevitável não sofrer esses infortúnios quando não estão em casa ou na instituição. Me pego pensando: em que nível de falta de amor ao mundo, nós adultos vivemos ao ponto de xingarmos uma criança ou adolescente só pelo fato de estarem na rua; e se não xingamos por que não nos revoltamos todos os dias para que elas não estejam na rua? E sabendo que são xingadas, até mesmo em algumas vezes testemunhando isso, por que ainda assim nos calam? Penso que essa falta de esperança no olhar, a cabeça baixa de Gata Pintada encontra eco na forma como o mundo está sendo posto para ela. Para ela não houve uma infância e adolescência de cuidados (Relato do dia 18.12).

Falar da desesperança presente no relato de Consciência Negra e no olhar de Gata Pintada me remete à questão da vontade em Arendt, que se assemelha a capacidade de agir.

[...] o problema básico com a vontade é que ela não lida simplesmente com coisas que estão ausentes de nossos sentidos e que precisam se fazer presentes através do poder de representação do espírito, mas lida também com coisas, visíveis e invisíveis, que absolutamente nunca existiram (ARENDT, 1993, p. 197).

Assim, ao lidarmos com as questões da vontade, devemos levar em conta que ao esperar algo, lançamo-nos ao futuro onde não há qualquer objeto, mas sim projetos, posto que só o que de fato já se passou pode assumir o caráter de certeza, o que está por vir, por mais provável que seja sua realização sempre assume um caráter incerto de acontecer. “Em outras palavras, estamos lidando com coisas que nunca foram, que ainda não são e que podem muito bem nunca vir a ser” (p.197). A vontade em Arendt (1993) é uma atividade humana que está vinculada a vida vivida (apesar

de fazer parte da vida contemplativa)³⁶ e tem potencialmente a possibilidade de romper com a linearidade da biografia a partir da ação, aqui entendida como o início de algo novo. Mas para que a vontade possa existir com essa potência iniciadora é preciso, segundo a autora, que a esperança se apresente. Ao mesmo tempo essa esperança só se estabelece a partir da experiência de poder.

Podemos dizer que o poder para Arendt (1999) está intrinsecamente vinculado a teia de relações. É na existência dos acordos estabelecidos com outros para levar a cabo determinada ação que o poder se sustenta. Não há para Arendt um poder individual. Para a autora não somos autores, mas sim atores principais na trama da nossa história. A escrita deste espetáculo acontece em companhia de outras pessoas do mundo, logo, nossa história é feita sempre em coautoria. Nesse sentido, a história individual ou coletiva depende dos acordos coletivos que fazemos e esses acordos constituem seus rumos.

O poder preserva a esfera pública e o espaço da aparência e, como tal, é também princípio essencial ao artifício humano, que perderia sua suprema *raison d'être* se deixasse de ser o palco da ação e do discurso, da teia dos negócios e relações humanos e das histórias por eles engendradas [...] sem o poder, o espaço da aparência produzido pela ação e pelo discurso em público desaparecerá tão rapidamente como o ato ou a palavra viva (p. 216).

Assim podemos pensar que essas meninas e meninos que vivem na invisibilidade imposta pela condição de extrema pobreza são marcadas pelas sucessivas presenças de impossibilidades, pela falta de exemplos de poder³⁷. Não sendo vistas e ouvidas vivem na solidão, apartadas dos interesses da coletividade e da possibilidade de um dia participarem destes interesses.

Segue um relato do Diário de bordo do dia 18 de dezembro de Consciência Negra quando estava sendo atendida na Vidas por causa de um espancamento:

Consciência Negra estava além de muito machucada, com o olho roxo, recebia uns medicamentos em sua costa e cabeça, quando perguntei o que aconteceu, ela disse que havia se envolvido em uma briga e que a outra mulher havia a furado com uma faca, os ferimentos não eram muito profundos, aparentemente não havia pego nem um vaso ou artéria, ela sangrava muito pouco. O cenário desse dia já estava com esse preâmbulo. Seguimos tentando convencer Consciência Negra que, independente de ela estar fugada e de ter vários processos, o fato de ela ter um filho recém-nascido garantia a ela o direito de cuidar da criança em casa, pois estávamos falando para ela que o

³⁶ Cf. **A condição Humana** (ARENDT, 1999).

³⁷ O poder pertencente à esfera pública, só acontece se as pessoas estiverem livres e entre iguais para exercê-lo, assim, para as crianças o poder é algo que ainda os espera quando chegarem na vida adulta. No nosso caso as crianças e adolescentes em situação de rua estão distantes de uma educação que lhes introduzam para a ação do poder.

ideal seria ela buscar um abrigo, mas há um receio de ser pega pela justiça e voltar para a internação. Isso ela conta dizendo que ninguém quer saber dela na justiça e que se o juiz a ver, vai mandar prender, porque ele não gosta dela, inclusive chega a dizer que a juíza do seu caso disse que ela vai ter que cumprir a medida de todo jeito.

Nesse sentido, quando a esperança no mundo e, por consequência, em si mesma, já está perdida, a crença na iniciação de algo novo nas vidas destas meninas também se perde.

Percebi nos meninos mais jovens referências a sonhos, o desejo de algo mágico, a inocente elaboração de que algum acidente no percurso lhes possa trazer para a intimidade do lar. Seguem relatos do dia 18 de dezembro.

Atleta:

“[...] insisto em saber como é a sua vida, ele diz que queria ter a mãe de volta pois ela está morta”.

Escola:

“[...] fala de uma vida de adulto, com casa, carro e moto” (Relato dia 18.12).

Porém, sem o cuidado que os proteja da exposição ao mundo, estes adolescentes vão desesperando. Em vários momentos, a vida na rua equivale a vida em casa e com um pouco de vivência, alguns meninos e meninas, já conseguem perceber que não estão nas condições adequadas para que uma criança se desenvolva.

A pergunta disparadora “como é a sua vida” no dia da entrevista reflexiva levou um adolescente a responder que a sua vida é um inferno. Parece que a resposta dada por Cantor resume em poucas palavras uma das facetas da vida crua, ele que vive a todo momento consciente, sem o abuso dos psicotrópicos, talvez compreenda melhor como a esperança vai se perdendo ao longo de alguns anos nas ruas. Sobre o mesmo menino de 14 anos segue meu relato:

“Quando pergunto sobre como é a sua vida ele apenas diz que se restringe a comer, pegar a comunidade e trabalhar”.

A fala de Escola vai na mesma direção da de Cantor, 12 anos: “Escola diz que a sua vida é boa, pois fica fumando maconha na rua”. E ainda: “Ele fala que foi tirado

da escola pela mãe, por que faltava muito e sua mãe corria o risco de perder o bolsa família” (Relato dia 18.12).

Eu havia encontrado a mãe de Escola pela rua enquanto eu fazia um outro trabalho com este público, ela me perguntou se eu o havia encontrado pela rua por aqueles dias, mas eu não o tinha visto. Então ela desabafa dizendo que está sendo muito difícil lidar com Escola porque ele não tem voltado para casa e não mais a obedece, então perde a paciência e bate nele; além dele estar usando drogas o tempo todo, querendo inclusive trazer para perto dos seus outros filhos ainda muito pequenos. Falou que foi preciso tirá-lo da escola para não perder o bolsa família, já que ele não estava indo mais a escola e ela precisava dar conta dos outros filhos pequenos. “Sua mãe chegou a dizer que tem vontade de dar conta de sua vida juntamente com as dos seus filhos, pois precisa se manter e não tem dinheiro, fora o que pede na rua, e que ainda tem que levar os filhos pequenos para a rua” (Relato do dia 18). A força que relatos como estes nos traz, ajuda a tematizar o porquê a vulnerabilidade das ruas se mostra uma condição tão difícil de se transpor.

Sobretudo, existe na nossa assimetria social o que podemos chamar de acúmulo de vulnerabilidades. As diversas especificidades que compõe o quadro de grupos excluídos socialmente podem ainda ser acirrado por sobreposições das vulnerabilidades, estas camadas que constituem o acúmulo de vulnerabilidades podem ser exemplificadas pelas condições dos vários grupos que sofrem pelas barreiras impostas pela sociedade. Assim, pessoas ou grupos de pessoas não brancas, mulheres, LGBT, infanto-juvenil, quando agregando mais de uma destas condições podem enfrentar discriminações por várias de suas especificidades. E se agregado ao fato de ter mais de uma destas especificidades ainda estiver na situação niveladora da exclusão social, que é a extrema pobreza, podemos dizer que há um acúmulo de vulnerabilidades, uma situação complexa permeada pelas faltas, barreiras e preconceitos durante toda vida ou por boa parte dela.

Tomo como exemplo o encontro que tinha como tema o dia da consciência negra. Beleza Negra retrucou: “Eu não quero saber de negro”. Logo em seguida ao ser perguntado sobre a cor de sua pele, responde: “eu sou moreno”. Não querer ser negro ou não querer saber do assunto não o retira da condição de ser negro, apenas

soa como mais uma estratégia para não sofrer o preconceito. (Relato e diário de bordo do dia 20 de novembro).

Estas frases retiradas dos relatos e narrativas dos encontros demonstram como a violência se acumula e vai matando a esperança, a vontade e, assim, a possibilidade de começar algo novo.

6.7 Falsa liberdade

Nesta constelação indico que lançarei mão do conceito de liberdade em Arendt, para quem esta possibilidade humana só pode ser exercida por adultos. Somente estes, já conhecedores do mundo podem compreender do que estão se liberando e para que novidade estão se lançando. Assim, é importante distinguir que, no caso de meninos e meninas, liberdade é um termo que não se aplica.

É recorrente encontrarmos em pesquisas acadêmicas que um dos motivos pelos quais as crianças e adolescentes estão na rua é em razão da liberdade, da ausência de regras³⁸. No entanto, ainda que reduzamos a liberdade como à ausência de regras é difícil aplicar esse termo para crianças e adolescentes em situação de rua, pois a rua também tem seus preceitos. E ainda que em alguns relatos os meninos e meninas usem o termo no sentido do desejo de permanecer soltos, o movimento que fazem é o contrário, estão sempre tentando se prender a algo³⁹. O relato a seguir vem da constatação de um momento onde os meninos e meninas estavam muito confortáveis na instituição.

A rua já fica sendo contraditória, pois por mais que dê essa possibilidade de brincar ou ser “livres”, nas palavras deles e de boa parte do senso comum, é na instituição que eles conseguem brincar, lá que conseguem se sentir protegidos. Eles procuram a acolhida e o cuidado, para que minimamente vivam a infância (Relato do dia 20.11).

Há alguns anos, ao encontrar um dos meninos que atendíamos num projeto, que hoje é adulto, numa atividade noturna, deparei-me com a seguinte frase dele: “Eu

³⁸ Alguns estudos trazem a liberdade como uma das motivações de os meninos e meninas estarem na situação de rua, quase sempre associada a contextos familiares vulneráveis (BARROS, et al., 2009; MEDEIROS, 2002; LEAL, 2007).

³⁹ Como aponta Rizzini (2003) que questionou a liberdade dos meninos em situação de rua em diversas pesquisas ao longo do seu levantamento sobre a temática, referindo que estas crianças e adolescentes estão muitas vezes buscando vínculos. Conferir também Carinhonha (2009) e Oliveira (2006) sobre a suposta liberdade encontrada na rua.

sou bicho solto”. Ele se referia a usar drogas ilícitas na rua. Esta expressão carrega um sentido subversivo, fala da pessoa que não se apega a nada, que para onde aponta o desejo ela se precipita a ir. Na rua remete ao perigoso, ao bandido destemido. Coincidentemente este adulto chegou a participar de um dos encontros que fizemos no Vidas, e mesmo já sendo adulto estava procurando a segurança de um lugar que o deixasse distante dessa exposição do mundo. Ou seja, só podem ser livres entre eles e não publicamente entre todas as pessoas (CARVALHO, 2015), liberdade pressupõe autogestão e não a falta da gestão.

É na vida vivida, através de atos e palavras que constatamos a existência da liberdade. São os atos e as palavras que iniciam algo novo e estes são sempre feitos em coautoria. Seja para que possam ser testemunhados e assim revelada a novidade, seja para se levar adiante o novo que foi inaugurado.

Deste modo, o campo de aparição da liberdade é o espaço público. É entre outros e não em alguma espécie de liberdade íntima que não pode ser externada entre as outras pessoas, ao passo que carece de “significação política”, que a liberdade ocorre. Como nos lembra Arendt (1997): “Tomamos inicialmente consciência da liberdade ou do seu contrário em nosso relacionamento com outros, e não no relacionamento com nós mesmos (p. 194)”.

Colocada a simbiose entre a liberdade e a vida pública, cabe retomar a questão do poder e da vontade. Isto porque “Somente quando o quero e o posso coincidem a liberdade se consuma” (p.208). Assim, para a iniciação de algo novo, que é a explicitação da liberdade, é preciso que seja possível a constituição da vontade e a constatação de que temos o poder de realizá-la.

Podemos pensar diante disso tudo que esses meninos e essas meninas estão aprisionados na história que possuem. Porém, a condição de natalidade, a capacidade humana de agir iniciando algo novo que rompa com o curso da história é parte da nossa condição humana. “O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o improvável” (Arendt, 1999, p. 191).

A pergunta que se faz presente é: como nós adultos e responsáveis por essas crianças e adolescentes no mundo podemos criar possibilidades para que a

natalidade possa aparecer, ainda que em um contexto tão improprio? Dito de outro modo, que teias de relações podemos criar para acolhê-la? Ou ainda, como podemos conservar nesses meninos e meninas a possibilidade de volição e de poder necessários para agirem, no sentido arendtiano? A investigação que realizamos nos dá pistas de caminhos a percorrer.

7 Considerações finais

A investigação até aqui relatada buscou compreender a experiência de meninos e meninas em situação de rua. Ao final desse processo percebo que a pesquisa possibilitou uma aproximação de como esses meninos e meninas vivem, mas principalmente nos forneceu pistas de quais as demandas destes (as) e quais modos de prática parecem relevantes para que possamos ajudá-los nas possibilidades de saída dessa situação aviltante. Assim, foi de extrema importância compreender o chão de onde partem esses meninos e meninas, desde suas faltas materiais, das violências vividas cotidianamente, como também de suas reivindicações por proteção e por cuidado. Segundo Arendt (1999) nós humanos nascemos sob determinadas condições, mas essas não nos determinam. Partindo desta compreensão das condições das quais nós humanos partimos proponho alguns caminhos que foram apontados na investigação.

A condição de vida em que os meninos e meninas desta investigação partem está nivelada por um estado de precariedade que se expressou durante toda a pesquisa. A extrema pobreza, primeira constelação que elencamos, demonstra a dificuldade de subsistência. Aqui conseguimos perceber que os meninos e meninas que estão nas ruas e suas famílias estão sob o signo da extrema pobreza, carecem de acesso a serviços básicos como saúde e educação, são privados da garantia das refeições diárias e da participação na vida comunitária. A constelação da extrema pobreza desdobra consequentemente na constelação da violência.

Além da extrema pobreza, fica evidente que, na medida em que vão se acumulando vulnerabilidades, as violências sofridas aumentam e aspiram maior atenção para quem lida com este público. Embora exista uma prevalência de meninos em situação de rua que acumulam diversas vulnerabilidades, trago aqui a experiência das meninas, por sofrem mais severamente nas ruas.

Parece que, não à toa, as duas únicas adolescentes do gênero feminino na pesquisa foram as que nos instrumentalizaram para apontarmos que ser extremamente pobre, de cor negra, mulher e/ou transexual coloca a pessoa numa condição mais difícil de ter a natalidade preservada. A história de Consciência Negra, menina negra que foi espancada pelo companheiro, apareceu com o que nós chamamos de vontade embotada, do mesmo modo Gata Pintada, menina transexual negra que

passou com seu olhar uma tristeza que inundou o momento de sua entrevista, demonstrou a mesma “doença da vontade”. Soma-se ao fato de serem meninas e os anos de rua que têm a mais que os outros participantes. Parece que as violências sofridas pelos anos a mais de exposição a vida nas ruas e a condição de ser do gênero feminino aumentam sobremaneira o sofrimento e a ausência de esperança.

Ao longo da pesquisa percebi que a violência faz parte da vida destas meninas e destes meninos, o que me remete ao descompromisso dos adultos em relação a estas e estes. Serão sempre os adultos as pessoas responsáveis pela preservação destes meninos e meninas. Como nos lembra Arendt (1997), a criança necessita de uma proteção especial para que o mundo não possa a destruir. Esta proteção se desenvolve na esfera privada do lar onde a criança tem sua sobrevivência garantida e depois na escola onde aos poucos é apresentada à esfera pública. A ausência desse cuidado impõe uma infância vivida no abandono.

Foi neste sentido que a constelação ilhas de proteção pareceu nos dar indícios de trabalhos possíveis para com esse público. É certo que não temos o poder de acabar com a desigualdade social que produz a situação da violação, essa luta é travada em âmbitos mais amplos, mas dentro do contexto de espaços ou iniciativas que promovam a segurança podemos ser ilhas de proteção. Quanto mais ilhas de proteção tivermos mais espaços de preservação da infância as crianças e adolescentes terão. Isso apareceu como crucial para que estas crianças e adolescentes mantenham alguma crença no mundo e por consequência em si mesmas, podendo assim encontrar a força necessária para buscar rompimentos com esse modo de vida. Essas ilhas, espaços mais reservados, que levam em consideração a singularidade das crianças e adolescentes podem, em partes, suprir a intimidade do lar e da escola, espaços *per si* da proteção.

Por várias vezes as falas das crianças e adolescentes mostraram que a exposição constante a um mundo violador da infância e da adolescência pode minar a esperança em um outro futuro e esvaziar qualquer tentativa de mudança, por mais que ela esteja ao alcance de suas mãos. Retomo o momento em que Consciência Negra recusa qualquer saída para a situação que se encontrava, por mais que os educadores apontassem e soubessem que esta era possível. Ela perdeu a fé na

justiça, nas instituições que deveriam zelar por ela. Ao se sentirem desamparados, estes meninos e meninas se encerram na resignação.

Isto me faz lembrar que um dos critérios para que uma ilha de proteção seja de fato protetora é que os adultos que fazem parte dela precisam preservar em si o “*amor mundi*”. A ilha de proteção para além da garantia de direitos é um lugar de cuidado, de atenção, de afeto; nestes espaços ou nestas pessoas impera o amor às entidades infância e adolescência, é preciso amar a possibilidade de todas as meninas e meninos poderem nos substituir um dia nas decisões coletivas. É preciso olhar para o mundo e poder apresentá-lo de outro modo para as crianças e adolescentes que não seja o modo da desesperança.

O ato de proteger parece que perpassou toda a investigação. Na constelação “A brincadeira na rua: o lúdico e o perigo” percebemos que a proteção da vida não pode ser relativizada nas vulnerabilidades da rua, pois se assim for a própria vida destes meninos e meninas estará em risco. E aqui apontamos para o risco real da quebra de possibilidades de saída das ruas e o risco da morte, pois longe da segurança dos adultos responsáveis e de ilhas de proteção o flerte com a violência e com a utilização das drogas, por exemplo, podem ser fatais.

Essa proteção também aparece nessa pesquisa como uma necessidade dos adultos que trabalham com uma realidade tão dura como a de meninos e meninas em situação de rua. Para ilustrar, podemos citar que algumas instituições, como a Cruz Vermelha, limitam o tempo de trabalho de seus profissionais atuarem em cenários desoladores em apenas três meses para preservá-los. Na constelação “Ainda vai se chorar por isso” podemos perceber o sofrimento constante ao qual, nós que trabalhamos com este público, estamos expostos constantemente. Assim, fico pensando se nós também não precisaríamos de ilhas de proteção para conservar nossa esperança, pois ela pareceu nessa pesquisa ser crucial para exercermos nosso papel de cuidado. Não só as crianças e os adolescentes, mas também nós podemos ficar “doentes da vontade” e a partir de então criar coraças para suportarmos o trabalho. Como podemos apresentar o mundo para crianças se também estamos com nossa esperança enfraquecida? Se as coraças que criamos para enfrentar uma realidade tão dura irão nos impedir de nos encantarmos com o sono tranquilo de uma criança na instituição ou de nos entristecermos com as agressões que elas sofrem diariamente?

Nesta investigação vimos os participantes denunciarem que as suas vidas eram muito difíceis, como foi o caso de um adolescente ter dito que a sua vida era um inferno e das várias narrativas de sofrimentos experienciados em suas trajetórias de vida. Mas vimos também, nos mais novos, sonhos e alegria preservados em vários momentos, então, como diz Paulo Freire (1989) é preciso esperar.

Imersos nas condições que os constituem meninos e meninas em situação de rua podem parecer acostumados com a crueza da rua e encerrados nela, mas se nos aproximarmos mais, o que nos mostram é a fragilidade e as possibilidades típicas da infância, de uma vida que está iniciando.

É preciso o entrelaçamento de vários coautores para que possamos constituir uma outra história com estes meninos e meninas. Para isso é preciso estabelecer uma relação de proximidade, de confiança e de encantamento com as crianças e adolescentes. Esse indicativo pode ser visto várias vezes nas narrativas que falam da relação estabelecida entre os meninos e meninas e os educadores. A chamada para uma corrida na praia, a atenção com uma menina que acabou de ter um bebê, a proximidade com as famílias parecem ser pequenos atos que podem deixar outras marcas na vida dessas crianças. Ora, acompanhar é isso, é saber que o tempo da outra pessoa não é o mesmo que o meu.

A falsa liberdade apontada nesse estudo indica que ao contrário do que reza o senso comum, científico inclusive, as crianças e adolescentes em situação de rua buscam vínculos e proteção. Ao que parece, elas têm exata percepção de seu momento de vida: a infância. Assim, percebemos que os meninos e meninas anseiam por lugares e pessoas que as façam conectar com o cuidado e proteção de pessoas responsáveis. Assim, nós que trabalhamos com crianças e adolescentes em situação de rua precisamos atender a essa demanda.

Nesta investigação indicamos que um trabalho que se pretenda efetivo com crianças e adolescentes, necessariamente precisará levar em consideração as condições de que estas e estes partem, levando em conta a proteção com a infância e adolescência no sentido político que transcende os direitos institucionais. Ou seja, é preciso que haja um encantamento pela infância e adolescência, tal qual a alegria particular que se tem pela criança pequena que aprendeu a falar uma palavra nova, mas no nosso caso esse encantamento precisa se estender a todas as crianças, a

todas as infâncias e adolescências. Ademais, as possibilidades de transformação da realidade precisam transpor os limites psicológicos na intenção de uma prontidão para agir inventivamente, lançando-se mão da teia de relação em que todos nós estamos. Sabendo que este mundo abrigador de todas as nossas relações precisa ser amado para que possamos acreditar na mudança dele em favor de nossas crianças e adolescentes. No mais, o trabalho de cada pessoa contará com sua metodologia e capilaridade para dar conta de cada demanda, desde que se leve em conta que só é possível construir uma história se houverem coautores que testemunhem sobre a vida destes (as) pequenos (as) para que o mundo seja-lhes apresentados e para que não sejam soltos nele. É um direito da criança que as pessoas que trabalham com ela tenham amor ao mundo, a (o) psicóloga (o) está nesse lugar político.

Referências

- ADLER, L.; et al. **Nos passos de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ALONSO, A. et al. **A teatralização da política: a propaganda abolicionista**. Tempo Social, v. 24, n. 2, p. 101-122, 2012.
- ARENDT, H. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- _____. **A Vida do espírito o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro, Relume-dumará, 1993.
- _____. **Da revolução**. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ARPINI, D. M.; GONÇALVES, C. S. **Drogas e álcool na relação com a violência: o olhar de adolescentes em situação de rua**. Psico, v. 42, n. 4, p. 442-449, 2011.
- AUN, H. A. **Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores**. São Paulo: [s.n.], 2005.
- BARROS, P. C. M. et al. **Era uma casa...!? Discurso, dinâmica familiar e contingências da rua**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 3, p. 447-453, jul/set. 2009.
- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política, obras escolhidas: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BRASIL, Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. **Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências**. 2009.
- _____. **Diálogos sobre a população em situação de rua no Brasil e na Europa: Experiências do Distrito Federal, Paris e Londres**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília, SDH, 2013.
- _____. **Estatuto da criança e do adolescente**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- _____. **Campanha Criança Não é de Rua, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Ministério dos Direitos Humanos. Diretrizes nacionais de atendimento as crianças e adolescentes em situação de rua**. 2017.
- _____. **Resolução Conjunta CNAS/CONANDA nº 1, de dez. de 2016. Dispõe sobre o conceito e o atendimento de criança e adolescente em situação de rua e inclui o subitem 4.6, no item 4, do Capítulo III do documento Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. Brasília, DF, dez. 2016.

BRAYNER, F. H. A. **Educação e republicanismo**: experimentos arendtianos para uma educação melhor. Xª Ed. – Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

BURSZTYN, M. **Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão**: o caso das populações de rua. In: BURSZTYN, Marcel (org.). No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 27-55.

CAMASMIE, A. T. **Narrativas de histórias pessoais**: um caminho de compreensão de si mesmo à luz do pensamento de Hannah Arendt. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia). 97 f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

CARINHANHA, J. I. **Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua**: bases para o cuidado de enfermagem pela cidadania. 2009. 122 f. Dissertação (Mestre em enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009

CARVALHO, J. S. F. **Educação: uma herança sem testamento**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os. Brasília: CFP, 2017.

DANIELA, I. O Velar como des-vela-dor da vida: a possibilidade da natalidade (re)velada no plantão psicológico. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). UNICAP. Recife.

FERNANDES, F. M. B. **Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante**. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde**, 2011. p. 262-274. Online: disponível em www.ims.uerj.br/ccaps.

FREIRE, P. **Educadores de rua**: uma abordagem crítica. Bogotá: Gente Nueva, 1989. Disponível em <http://beu.extension.unicen.edu.ar/xmlui/handle/123456789/123>. Acessado em 15 de julho de 2018.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERMANN, N. **A questão do outro e o diálogo**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 57, p. 477-493, 2014.

LEAL, E. M. **"Da porta para fora"**: a constituição de um problema social. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 1, p. 1-27, 2007.

MEDEIROS, L. M. V. **De menina na rua à mulher de rua**: o dito e o não-dito numa história de vida. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

NEIVA-SILVA, L., MORAIS, N. A., KOLLER, S. H. **Aspectos metodológicos nas pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua**. In: MORAIS, N. A.; NEIVA-

- SILVA, L.; KOLLER, S. H. **Endereço desconhecido**: crianças e adolescentes em situação de rua. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- NOGUEIRA, L. A.; BELLINI, L. M. **Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua?** Texto & Contexto Enfermagem, v. 15, n. 4, p. 610-616, 2006.
- NOTO, A. R. et al. **Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas, 2003.
- OLIVEIRA, N. S.; MEDEIROS, M. **Histórias de vida de meninas com experiência pregressa nas ruas**: perspectivas do processo de inclusão social. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 8, n 01, p. 119-127, 2006.
- PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. **Quem são as crianças que estão nas ruas**: vítimas ou vitimizadoras? Interação em Psicologia, (9)1, p. 65-76, jan./jun. 2005.
- REIS, J. J., GOMES, F. S. (Ed.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. Editora Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, M.O., et al. **O papel das drogas na vida da criança em situação de rua**. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 14, n. 2, p. 79-84, 2003.
- RIZZINI, I (coordenação). **Vida nas ruas**: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis? Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- RIZZINI, I., COUTO, R. M. B. **População infantil e adolescente em situação de rua no Brasil**: análises recentes. Rio de Janeiro: CIEPI, 2018.
- RIZZINI, I., VALE, J. B., COUTO, R. M. B. **Os desafios da implementação de políticas para crianças e adolescentes em situação de rua**: um guia comentado. Rio de Janeiro: CIEPI, 2018.
- SANTANA, C. L. A.; ROSA, A. S. (orgs.) **Saúde mental das pessoas em situação de rua**: conceitos e práticas para profissionais da assistência social. São Paulo: Epi- daurus Medicina e Arte, 2016.
- SANTANA, J. P. et al. **Os adolescentes em situação de rua e as instituições de atendimento**: utilizações e reconhecimento de objetivos. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 18, n. 1, p. 134-142, 2005.
- SILVA, P. M. F. **Pessoas em situação de rua em Recife**: Cidadania através do trabalho como uma alternativa. 2015. 174 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia. CFCH. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- SILVA, S. C. **A escola e a rua**: interação possível? Revista de ciências humanas, n. 37, p. 67-87, 2005.
- SZYMANSKI, H. **A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda**. II Seminário de Pesquisas e Estudos Qualitativos, v. 34, 2004a.

_____. **Entrevista reflexiva:** um olhar psicológico para entrevista em pesquisa. *Psicologia da Educação*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520, n. 10/11, 2004b.

SZYMANSKI, H.; CURY, V. E. **A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica.** *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 355-364, 2004.

YUNES, M. A. M. et al. **Família vivida e pensada na percepção de crianças em situação de rua.** *Paidéia*, 11(20), p. 47-56, 2001.